
TARSILA DO AMARAL
NO ACERVO
DOS PALÁCIOS
TARSILA-24
acervo
Casa Civil
SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS

SUMÁRIO
MATERIAL EDUCATIVO

04 Apresentação

06 Tarsila do Amaral:
Uma artista e muitas perguntas

16 Vida em Paris

24 E a Semana da Arte
Moderna de 1922?

30 Mário de Andrade

34 Fase Pau-Brasil

42 Fase Antropofágica

48 Fase social

54 Fase Neo Pau- Brasil

62 Atividades

64 Baile de Máscaras

66 Mão na massa: Baile de Máscaras

68 Mão na massa: Mário de Andrade

70 Mão na massa: Quem sou eu?

72 Boneca de papel

74 Mão na massa: Vamos escolher o look da Tarsila ?

76 Operários do século 21

78 Mão na massa: Operários do século 21

80 Eu também sou Abaporu

82 Mão na massa: Eu também sou Abaporu

84 Paisagem geométrica

86 Mão na massa: Paisagem geométrica

90 Bibliografia

92 Créditos

TARSILA DO AMARAL NO ACERVO DOS PALÁCIOS

Este material educativo tem como objetivo servir como ponto de apoio e disparador de reflexões sobre as dezesseis obras de Tarsila do Amaral, que fazem parte do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios, por meio de textos, atividades e experiências pensadas especialmente para o público infanto-juvenil.

Neste material educativo, essas obras serão abordadas com o objetivo de dar a conhecer a trajetória de Tarsila do Amaral e as fases de sua produção artística, bem como para situar a artista dentro do movimento modernista brasileiro. Assim, parte da coleção do Acervo dos Palácios é apresentada com o objetivo de estimular nas crianças e jovens a (re)descoberta da arte brasileira.

Se você visitou a nossa exposição ou está conhecendo esse material por meio do nosso site ou redes sociais, aproveitamos para convidar você a visitar o Palácio dos Bandeirantes, sede do governo estadual e residência oficial do governador na capital, e o Palácio Boa Vista, residência de inverno do governo e palácio-museu, em Campos do Jordão, onde as obras dessa importante coleção estão expostas.



TARSILA DO AMARAL: UMA ARTISTA E MUITAS PERGUNTAS

Na história da arte, as mulheres tiveram durante muito tempo um papel secundário. Era bastante difícil que uma mulher fosse pintora ou escultora. Porém era muito comum que a mulher fosse retratada em obras de arte. As mulheres podiam ser musas inspiradoras, mas não protagonistas de sua própria história.[1]

Mas por que será que a **maioria das mulheres** não podia ser **artista**?

1 Sobre a inserção das mulheres no mundo da arte conferir SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Mulheres Modernistas: estratégias de consagração na arte brasileira. São Paulo: Edusp, 2022 e NOCHLIN, Linda. Por que não houve grandes mulheres artistas? São Paulo: Edições Aurora, 2016. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7880273/mod_resource/content/1/Linda%20Nochlin%20-%20por%20que%20nao%20houv%20e%20grandes%20mulheres%20artistas%3F.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2024.

Elas eram consideradas menos capazes? Mas se as mulheres eram consideradas como tendo mais sensibilidade, por que não poderiam ser artistas, já que essa mesma sensibilidade seria uma característica desejável para ser um artista genial?

Existem muitas ideias do que é preciso para ser um artista. Uma dessas ideias é a de que o artista deve ter um dom que nasce com ele e o torna apto a desenvolver as habilidades necessárias para desenhar, esculpir, pintar etc. Essa ideia aparece em várias biografias de artistas, quando dizem que "desde criança, fulano já desenhava no canto do caderno escolar". Mas muito provavelmente a maioria das crianças desenhava no canto do caderno e nem todas se tornaram artistas, porque, na verdade, para ser um artista e desenvolver essas habilidades é preciso muito treino. É um trabalho difícil, em que você precisa treinar, treinar e treinar, todos os dias durante muito tempo, com orientação de um professor, frequentando uma escola de artes e muitas vezes copiando outros grandes artistas.

Então, será que uma mulher poderia fazer tudo isso? Claro que sim, porém até o fim do século 19, as mulheres não podiam ir para as escolas de artes, chamadas Academias de Belas Artes, então ficava muito difícil para uma mulher estudar artes, e fazer todos os treinos guiados pelos professores para ser tornar uma artista e mais do que isso, uma artista genial.

E por que as **mulheres** não podiam frequentar as **academias de arte**?

Nessa época (século 19 e começo do século 20) as mulheres não podiam sair de casa sozinhas, sem uma dama de companhia, ou alguém da família. Não podiam frequentar bares e restaurantes sem a presença do marido, e mesmo com o marido, frequentar esses ambientes não era bem-visto. Da mesma maneira, não era bem-visto que uma mulher frequentasse uma escola onde haveria modelos posando nus, para que os alunos pudessem desenhá-los. Isso seria considerado um escândalo!

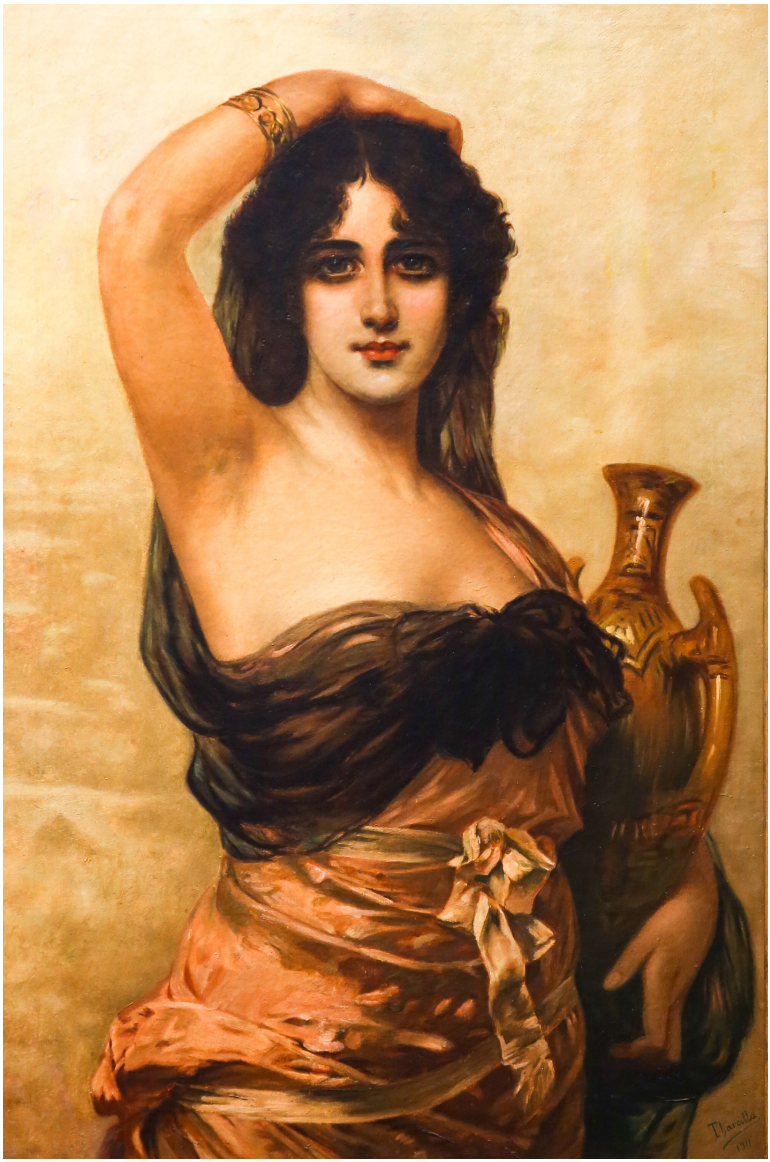
Assim, as mulheres de fins do século 19 que desejavam tornar-se artistas tinham professores particulares, de modo que não precisassem frequentar escolas e assim, a figura humana seria um tema menos representado.

Claro que isso não era uma regra. Uma das primeiras obras pintadas por Tarsila do Amaral, é resultado do aprendizado que tivera na Espanha, quando ela estudava no Colégio Sacré Coeur, e pintava copiando outras obras.

A pintura mostra uma mulher em estilo acadêmico, que segundo consta é a cópia de uma pintura italiana, que representa a "Samaritana", uma figura bíblica, que teria encontrado Jesus próximo a um poço. Ele pede água a ela, algo incomum, pois os judeus e os samaritanos eram considerados inimigos. Apesar da rivalidade, a mulher o serve e ele a abençoa, vendo sua pureza de alma, que sobrepõe as desavenças políticas.[2]

O fato de a obra ser uma cópia é algo absolutamente comum entre os estudantes de arte. É copiando os grandes mestres, que eles aprendem as técnicas e os truques da pintura. Nesses primórdios da carreira de Tarsila, ela ainda está aprendendo a arte tradicional, ensinada nas academias. Existe uma fidelidade à realidade. O retrato tem uma textura lisa, não é possível ver as pinceladas no corpo da mulher. O objetivo era justamente essa semelhança com o real. Mas é interessante já ser um retrato de mulher, um estudo da figura humana, de uma mulher que possui certo exotismo ou orientalismo, que era típico das pinturas românticas do século 19, mas mais do que isso, de uma mulher que não seguiu as convenções sociais, que eram "não falar com um homem estando sozinha, e não dialogar com um hebreu". Tarsila estava também quebrando algumas convenções sociais, buscando uma carreira de artista plástica.

2 Bíblia de Jerusalém. João, capítulo 4, versículos do 4 ao 42. São Paulo: Paulus Editora, 2002.



Tarsila do Amaral (Capivari/SP, 1886 – São Paulo/SP, 1973)
A Samaritana, 1911
Óleo sobre tela
Acervo dos Palácios

Mas se as **mulheres não pintavam** tanto a figura humana, **qual era o gênero de pintura** mais difundido entre as mulheres pintoras?

As mulheres que frequentavam os ateliês particulares tinham como gênero mais frequente a natureza-morta, ou seja, quadros em que elas aprendiam a pintar vasos de flores, cestos de frutas e mesas arrumadas com objetos.

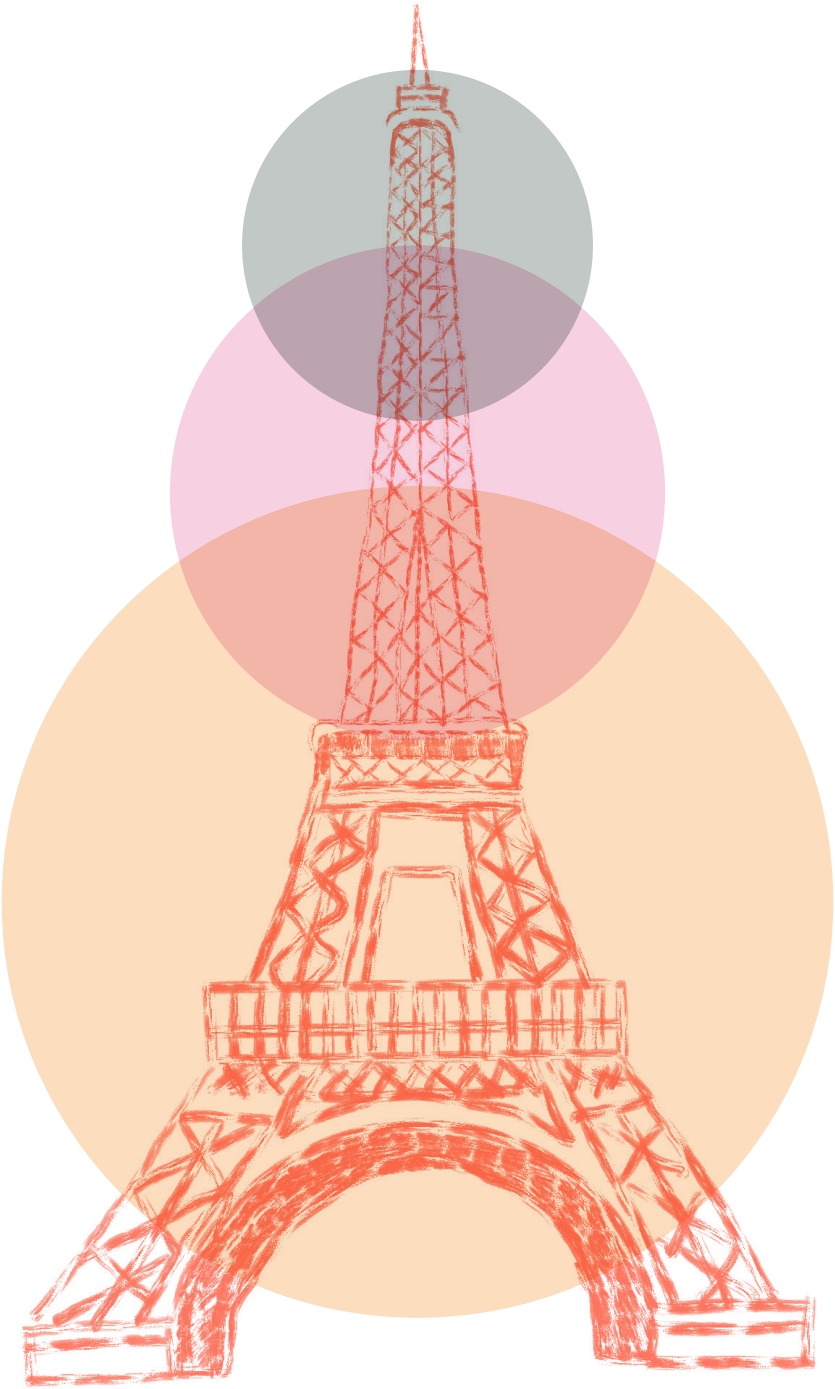
Assim, elas podiam aprender pintura sem chocar demais a sociedade e mantendo-se dentro de casa, nos temas da vida doméstica.

Não é por acaso que artistas brasileiras como Tarsila do Amaral e Anita Malfatti tiveram, dentre seus passos na pintura, as lições de Pedro Alexandrino, um famoso artista especialista em pintar naturezas-mortas. Tarsila iniciou seus estudos em pintura com Pedro Alexandrino em 1916. Ainda aprendiz no exercício da pintura, fez a obra "Natureza-morta" de 1918, pertencente a uma coleção particular, uma cópia do mestre.



Tarsila do Amaral.
Natureza-morta
(cópia a partir de
Pedro Alexandrino)
1918
Óleo sobre tela
Coleção Particular

Tarsila do Amaral. "Site oficial." Disponível https://t.ly/a_T1k Acesso em: 03 jul. 2024.



VIDA
EM PARIS

VIDA EM PARIS

A partir de então Tarsila montou seu primeiro ateliê em São Paulo, na Rua Vitória, onde Pedro Alexandrino passou a dar aulas. É nesse ateliê que Anita Malfatti começou a frequentar as aulas do mestre, mesmo depois de já ter estudado na Alemanha e nos Estados Unidos e ter feito sua famosa exposição em 1917. É desse momento o início da amizade entre as duas artistas.

Nota-se que não se trata de genialidade, mas treino. Com o professor acadêmico, Tarsila treinava desenho e composição. Ela até tinha um caderninho onde desenhava tudo o que via pela frente, pessoas da família, o parque do Jardim da Luz e outros temas do seu cotidiano.

Apesar de morar em São Paulo nessa época, ela não perdia de vista sua formação na fazenda de sua família na cidade de Capivari, no interior de São Paulo, onde seguia uma rígida hierarquia familiar, com as ordens de seu pai e as lições de piano de sua mãe. Tinha toda uma influência da cultura francesa, devido à riqueza e à cultura familiar, mas seguia as tradições do período, vestindo-se de maneira modesta, seguindo como possível os costumes, apesar de ser separada e ter uma filha pequena, a Dulce.

Tarsila que também tinha aulas com o artista alemão George Elpons, que a ensinava a usar as cores puras e misturar direto na tela, resolveu então alugar seu ateliê para ele e em 1920 embarcou para Paris, junto com sua filha. Seu objetivo era estudar na famosa Academia Julian, uma escola particular de pintura, que havia sido uma das primeiras a receber artistas mulheres em aulas separadas dos homens, criando um ambiente mais acolhedor para as mulheres desenvolverem seus talentos em pintura.

Naquela escola, as alunas dispunham seus cavaletes em torno do modelo e pintavam por horas a fio. Cada uma abordando um ângulo diferente. Durante as aulas, os professores passavam de aluna em aluna, fazendo observações, correções e instruindo sobre a técnica.

A quantidade de alunas era expressiva, mas o curioso era que as mulheres pagavam maiores mensalidades que os homens. Um preço a pagar pela diferenciação de ser uma escola exclusiva (quantas outras escolas eram abertas ao público feminino?). Ou seja, o valor era mais um nível de dificuldade para que a mulher se tornasse uma artista.

VIDA EM PARIS

Antes de chegar em Paris, Tarsila matriculou sua filha no mesmo colégio interno em que tinha estudado na juventude, o Sacré Coeur, em Barcelona. É interessante pensar que essa também seria uma barreira para sua formação artística. Ela só consegue ir estudar em Paris porque tem o dinheiro suficiente para se manter na cidade, pagar uma alta mensalidade e o colégio interno para sua filha.

O diferencial de uma academia como essa, era a possibilidade de uma mulher poder frequentar uma escola com grandes professores, ter acesso a aulas de modelo vivo, algo que durante muito tempo foi considerado um escândalo, principalmente para alunas mulheres. Além disso, essas artistas podiam sair do provincianismo de muitos de seus países natais e dos olhares conservadores de suas sociedades de origem, e circular mais livremente em uma outra cidade, em que a arte era efervescente.

Tarsila relatava as aulas na Academia em cartas para sua amiga Anita Malfatti:

"Estou te escrevendo aqui da Academia Julian. Venho todas as manhãs. Estou trabalhando num grande grupo de umas 50 alunas.

Está me parecendo que muitos são os chamados mas poucos os eleitos. Não vejo uma aluna forte".

Algumas trabalham bem, mas falta aquilo que nos impressiona. Já estive no "Grand Palais", no Salão do Outono: olha, Anita, quase tudo tende para o cubismo ou futurismo".[3]



Tarsila



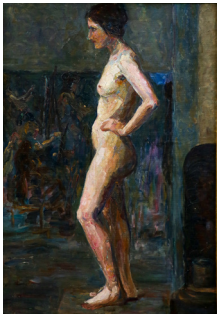
Anita

3 AMARAL, Tarsila. [Carta]. Destinatário: Anita Malfatti. Paris, França: 26 out. 1920. In: AMARAL, Aracy. Tarsila: sua obra e seu tempo. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2010. p. 48.

VIDA EM PARIS

Essa descrição de como eram as aulas na Academia Julian pode ser notada nos estudos de nu presentes no Acervo dos Palácios. Em “Estudo de nu (sentado)”, ao fundo, é possível perceber as demais alunas sentadas em frente a seus cavaletes pintando a mesma modelo em outros ângulos.

Ao mesmo tempo, apesar de a Academia Julian ser uma oportunidade para o aprendizado de artistas mulheres, Tarsila percebe a rigidez dos métodos de ensino, ainda muito atrelados à Arte Acadêmica e passa a frequentar também o ateliê de Émile Renard, buscando outras referências. Seus estudos desse período mostram tanto o rigor das academias, como já uma influência das pinceladas mais visíveis advindas do impressionismo. Notem como as figuras dos fundos quase não podem ser identificadas e mesmo as modelos já possuem certa dissolução.







Tarsila do Amaral
(Capivari/SP, 1886
– São Paulo/SP, 1973)
Estudo de Nu (perfil), 1921
Estudo de Nu (em pé com
a mão aberta) 1921
Estudo de Nu (sentado), 1921
Óleo sobre tela
Acervo dos Palácios

Mas Tarsila não passou sua estada na França sem perceber os avanços mais modernos na pintura, mesmo que ela ainda não tivesse um interesse vivo nas novas estéticas. Assim ela continuou seu relato para Anita Malfatti:

"Muita natureza-morta, mas daquelas ousadas em cores gritantes e forma descuidada. Muita paisagem impressionista, outras dadaístas. Conheces, certamente, o Dadaísmo. Eu, porém, vim a conhecê-lo agora. Esta nova escola, da palavra 'dada' que em francês significa, na linguagem infantil, cavalo, tem por fim pintar com grande simplicidade e mesmo ingenuidade. [...] Olha, Anita, depois de ter visto muito essa pintura cheia de imaginação, não suporto mais as coisas baseadas no bom senso e muito ponderadas. Os quadros dessa natureza ficaram pobres no salão. Também não estou de acordo com o cubismo exagerado e futurismo." [4]

4 AMARAL, Tarsila. [Carta]. Destinatário: Anita Malfatti. Paris, França: 26 out. 1920. In: AMARAL, Aracy. Tarsila: sua obra e seu tempo. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2010. p. 49-51.



Cartaz criado por
Emiliano Di Cavalcanti

E A SEMANA DA ARTE DE MODERNA DE 1922?

SEMANA DA ARTE DE MODERNA DE 1922

Enquanto Tarsila ainda estava em Paris, em 1922 os artistas modernistas brasileiros organizaram a Semana de Arte Moderna, um evento que reuniu apresentações de música e poesia, além de exposições de arquitetura e principalmente artes plásticas, como pintura, desenho e escultura.

Essa semana inovadora aconteceu nos dias 13, 15 a 17 de fevereiro de 1922 no Teatro Municipal de São Paulo e reuniu obras de artistas como Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Victor Brecheret, Zina Aita, Ferrignac, John Graz e Vicente do Rego Monteiro, além das composições musicais de Villa-Lobos e textos de Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, entre outros.

Para a pacata e tradicional cidade de São Paulo naquela época, o evento foi bastante inovador, exibindo os estilos de pintura mais modernos com os quais a sociedade ainda não estava acostumada. Os artistas foram vaiados em algumas ocasiões, porém dizem que algumas das vaias foram contratadas pelos próprios organizadores, só para causar um rebuliço.

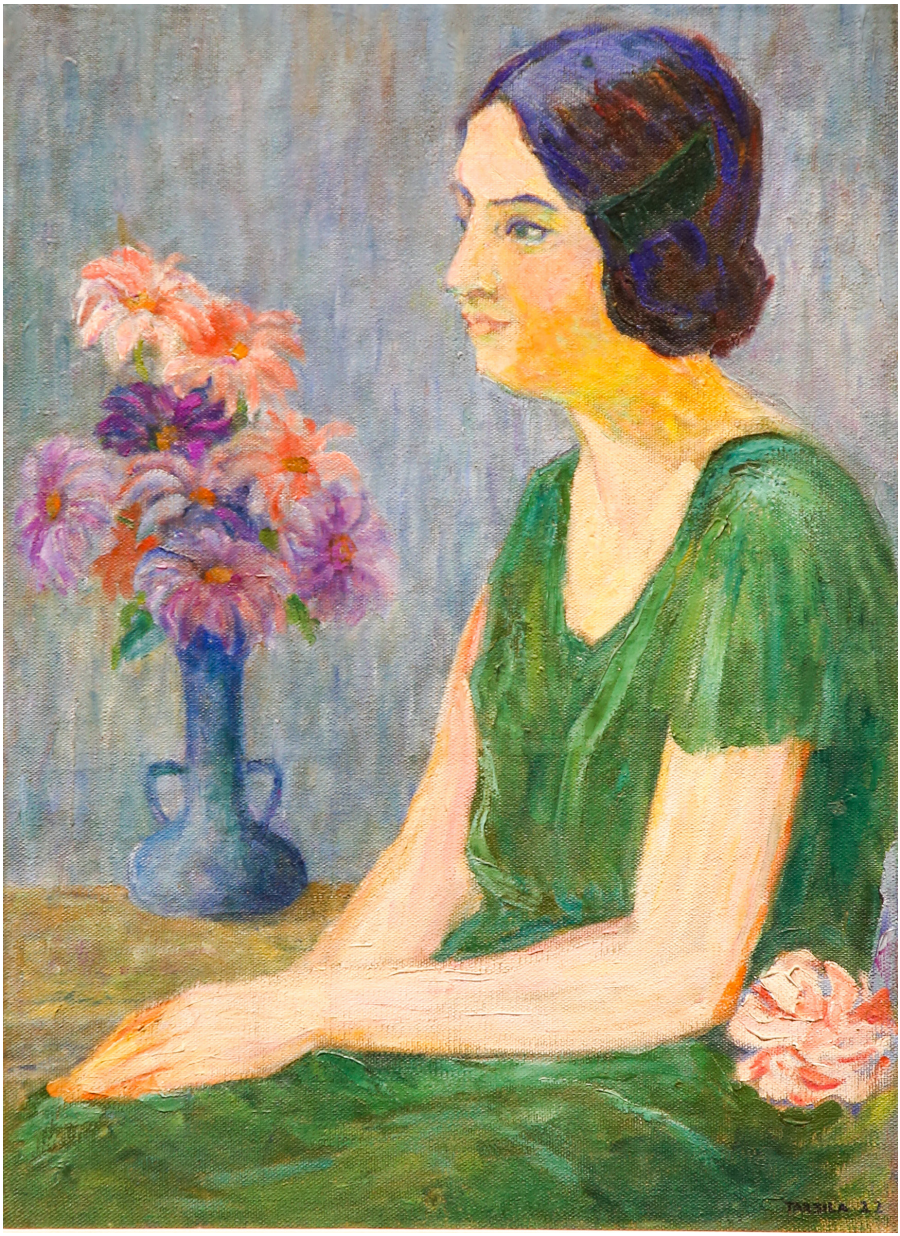
O fato é que a Tarsila não participou dessa exposição, ela ainda estava em Paris e só ficou sabendo do evento pelas cartas da amiga Anita Malfatti. Tarsila só voltou para o Brasil em junho de 1922. Foi aí que conheceu os amigos modernistas, passando a integrar o "Grupo dos Cinco", do qual faziam parte, Anita Malfatti, Mario de Andrade, Menotti del Picchia, ela mesma e Oswald de Andrade, que logo se tornou seu namorado e posteriormente, marido.

Nesse ano em que ela chegou ao Brasil, Tarsila conta que se aproximou mais da Arte Moderna do que quando estava em Paris. E assim, ela começou a se aventurar em cores mais intensas e contrastantes, pinceladas mais livres, fundos mais abstratos e nesse ano pintou dois retratos que hoje pertencem ao Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo: Retrato de Fernanda de Castro e Retrato de Mário de Andrade.

É interessante pensar que Tarsila se esforçou por representar em suas obras figuras femininas que eram destaque em sua época. Ao pintar Fernanda de Castro, ela estava dando mais visibilidade a essa poetisa e romancista portuguesa que se dedicou ao teatro, à ficção, à tradução e à literatura infantil. As obras de Fernanda abordavam a interioridade, a solidão e a condição feminina na época, sempre com um traço de alegria e otimismo, que Tarsila tenta capturar em sua pintura. O ano da pintura foi o mesmo do casamento de Fernanda de Castro com o escritor António Ferro por procuração, estando ele no Brasil e ela em Lisboa. No retrato de pinceladas expressivas, nota-se um ar de leveza, tanto na postura da retratada, como no delicado vaso de flores, e na paleta de cores complementares que une o verde do vestido com o suave azul do fundo e do jarro.

As intensas emoções e dores da condição feminina da época e que deviam ser guardadas e escondidas, transbordam dos poemas de Fernanda de Castro, como nesse trecho do poema “Eu, saudosa”:

> **“As coisas falam comigo**
> **numa linguagem secreta,**
> **Que é minha, de mais ninguém.**
> **Quero esquecer, não consigo,**
> **vou guardar na mala preta**
> **Esta dor que me faz bem.”**



Tarsila do Amaral
(Capivari/SP, 1886 – São Paulo/SP, 1973)
Retrato de Fernanda de Castro, 1922
Óleo sobre tela
Acervo dos Palácios



Tarsila do Amaral
(Capivari/SP, 1886 –
São Paulo/SP, 1973)
Retrato de Mário de Andrade, 1922
Óleo sobre tela
Acervo dos Palácios

MÁRIO DE ANDRADE

MÁRIO DE ANDRADE

Nesse mesmo ano, Tarsila pintou o grande escritor Mário de Andrade. Um dos principais ideólogos do movimento modernista brasileiro e um dos articuladores da Semana de Arte Moderna, exibida meses antes, Mário de Andrade foi retratado por muitos artistas da época, como Anita Malfatti, Candido Portinari, Bruno Giorgi, Lasar Segall e pela própria Tarsila, como nesta obra.

Na tela, Tarsila retratou Mário de forma solene, bem séria, mostrando apenas meio corpo e o escritor usando terno e gravata. Era assim que ele gostava de ser retratado para mostrar uma imagem de intelectual. No rosto, ela ficou atenta em pintar de forma próxima da realidade os traços do rosto do escritor, que revelam sua ascendência tanto branca quanto negra. Contudo, Tarsila pintou sua pele em suave tom rosado, opondo-se a uma cor mais parda que Mário possuía. Ao pintar as demais cores e o fundo, Tarsila foi mais ousada, usando cores mais fortes e contrastantes, apresentando um cabelo azul e uma barba esverdeada, por fazer. O fundo decorado lembra um papel de parede, mas também vai de acordo com outros pintores modernistas, que traziam fundos mais abstratos e geométricos em diálogo e oposição com os retratos mais realistas.

Esse Mário de Andrade múltiplo, branco, negro, professor de piano, poeta, crítico de arte, apaixonado pelo humano, homens e mulheres mostra-se neste retrato, realista e moderno, na diversidade de retratos em pintura e escultura feitos pelos mais diferentes artistas e também na sua produção literária, onde ele tinha consciência dessa multiplicidade.



Mário

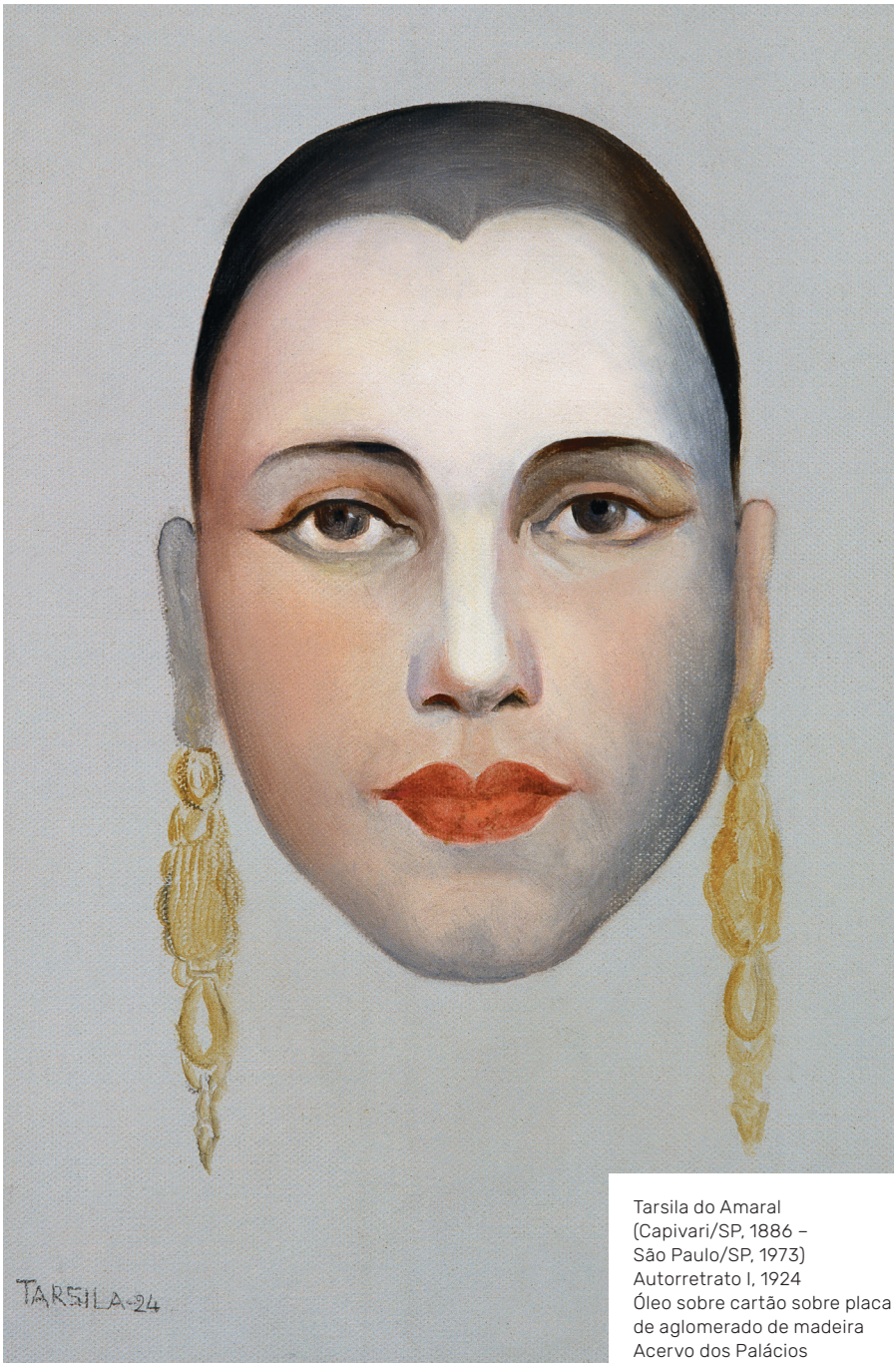
Eu sou trezentos... (7-VI-1929)

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinqüenta,
As sensações renascem de si mesmas sem repouso,
Ôh espelhos, ôh! Pireneus! ôh caiçaras!
Si um deus morrer, irei no Piauí buscar outro!

Abraço no meu leito as melhores palavras,
E os suspiros que dou são violinos alheios;
Eu piso a terra como quem descobre a furto
Nas esquinas, nos táxis, nas camarinhas seus próprios beijos!

Eu sou trezentos, sou trezentos-e-cinqüenta,
Mas um dia afinal eu toparei comigo...
Tenhamos paciência, andorinhas curtas,
Só o esquecimento é que condensa,
E então minha alma servirá de abrigo. [5]

5 ANDRADE, Mário de. Poesias Completas. São Paulo: Martins Editora, 1955. p. 221.



Tarsila do Amaral
(Capivari/SP, 1886 –
São Paulo/SP, 1973)
Autorretrato I, 1924
Óleo sobre cartão sobre placa
de aglomerado de madeira
Acervo dos Palácios

FASE PAU-BRASIL

FASE PAU-BRASIL

Em dezembro de 1922, Tarsila voltou para Paris e logo em seguida Oswald de Andrade foi encontrá-la. Em 1923, ela conheceu e estudou com alguns importantes artistas modernos como Fernand Léger, André Lhote e Albert Gleizes, que seguiam as vertentes modernas de pintura como o Cubismo (movimento que procurava representar as imagens, paisagens e retratos usando formas geométricas).

Esse contato de Tarsila com a sociedade e a intelectualidade francesa também fizeram a artista repensar sua personalidade e a forma como ela se mostrava enquanto mulher e enquanto artista. Passou a frequentar ateliês de estilistas famosos como Paul Poiret e Jean Patou e apresentava-se com grande glamour nesses encontros sociais, mostrando-se moderna e cosmopolita nos modos e maneira de ser vestir. Ao mesmo tempo colocava-se como "exótica", ao servir caipirinha e feijoada e mostrar quadros que representavam esse Brasil tropical e distante, que atiçava o interesse moderno, como a obra "A negra", que pintou em 1923 e impressionou Fernand Léger. [6]

No afã de criar essa persona moderna, inovadora e interessante aos olhares europeus e aos críticos de arte, Tarsila criou em 1924, o seu mais emblemático autorretrato. Com influência das vanguardas modernas, elaborou um retrato onde seu rosto ovalado, geométrico, de linhas simples,



Tarsila do Amaral
(Capivari/SP, 1886 – São Paulo/SP, 1973)
Autorretrato I, 1924
Óleo sobre cartão sobre placa
de aglomerado de madeira
Acervo dos Palácios

paira sem corpo sobre um fundo branco. Para além da técnica, sua postura é moderna ao representar-se com maquiagem, batom vermelho e grandes brincos, criando uma imagem de si desafiadora e imponente para o ambiente conservador da sociedade da época.

Essa obra se tornou um ícone da artista, sendo escolhida para estampar a capa tanto do catálogo da Exposição Individual de Tarsila em Paris em 1926 na Galeria Percier, quanto daquele da Exposição Individual que ela fez no Rio de Janeiro, em 1929.

6 Conheça a obra "A negra" no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/USP. Disponível em: < https://acervo.mac.usp.br/acervo/index.php/Detail/objects/17156>. Acesso em: 18 jun. 2024.

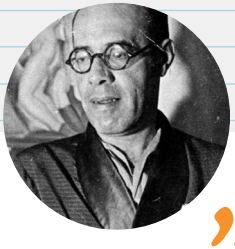
Composições muito parecidas de seu rosto foram ainda temas de mais duas obras de sua autoria: o "Autorretrato III," em Grafite e tinta ferrogálica sobre papel, de 1924 e o "Autorretrato II", em óleo sobre tela, de 1926, ambos pertencentes a colecionadores particulares.

Algumas fotografias também captam esse rosto imponente e a ideia diáfana da artista, tais como: uma fotografia de autoria desconhecida da década de 1920; e, a fotografia de B. J. Duarte, presente na coleção da Biblioteca Municipal de Mário de Andrade. [7]

Em 1923, Tarsila voltou ao Brasil, e é nesse período que desenvolveu sua fase Pau-Brasil. Antes disso, recebeu em Paris, uma carta de Mário de Andrade, em que ele já antecipa essa necessidade de prestar atenção aos temas brasileiros:

7 Cf. CHIARELLI, Tadeu. Os autorretratos de Tarsila, parte III: as várias ressignificações de uma imagem de matriz fotográfica. 27 jul. 2021. In: Arte!Brasileiros. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/opiniao/os-autorretratos-de-tarsila-parte-3/>. Acesso em: 18 jun. 2024.
8 ANDRADE, Mario. Carta a Tarsila do Amaral. São Paulo, 15 nov. 1923. In: AMARAL, Aracy. Tarsila: sua obra e seu tempo. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2010. p.138.
9 AMARAL, Aracy. Tarsila: sua obra e seu tempo. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2010. p.150.

"Tarsila, Tarsila, volta para dentro
de ti mesma. [...].
Abandona paris!
Tarsila! Tarsila! Vem para a mata-virgem,
onde não há arte negra, onde
não há também arroios gentis.
Há mata virgem.
Criei o matavirgismo.
Sou matavirgista. Disso é que o mundo,
a arte, o brasil e minha
queridíssima Tarsila precisam." [8]



Mário

8 ANDRADE, Mário. Carta a Tarsila do Amaral. São Paulo, 15 nov. 1923. In: AMARAL, Aracy. Tarsila: sua obra e seu tempo. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2010. p.138.

FASE PAU-BRASIL

Em 1924, os modernistas empreendem uma histórica viagem a Minas Gerais, com o intuito de apresentar o Brasil ao poeta francês Blaise Cendrars. Eles acabam também olhando para o interior e as tradições brasileiras com um novo olhar, atentos a essa brasilidade, que eles estavam buscando. É nesse mergulho no Brasil simples e popular que Tarsila simplifica suas formas e busca o colorido local, atenta aos temas brasileiros e essa é sua fase Pau-Brasil. Ela conta:

"Encontrei em Minas as cores que adorava em criança [...].
Ensinaram-me depois que eram feias e caipiras.
Segui o ramerrão do gosto apurado... Mas depois vinguei-me da opressão, passando-as para as minhas telas: azul puríssimo, rosa violáceo, amarelo vivo, verde cantante, tudo em gradações mais ou menos fortes, conforme a mistura de branco. Pintura limpa, sobretudo, sem medo de cânones convencionais. Liberdade e sinceridade, uma certa estilização que a adaptava à época moderna."[9]



Tarsila

9 AMARAL, Aracy. Tarsila: sua obra e seu tempo. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2010. p.150.

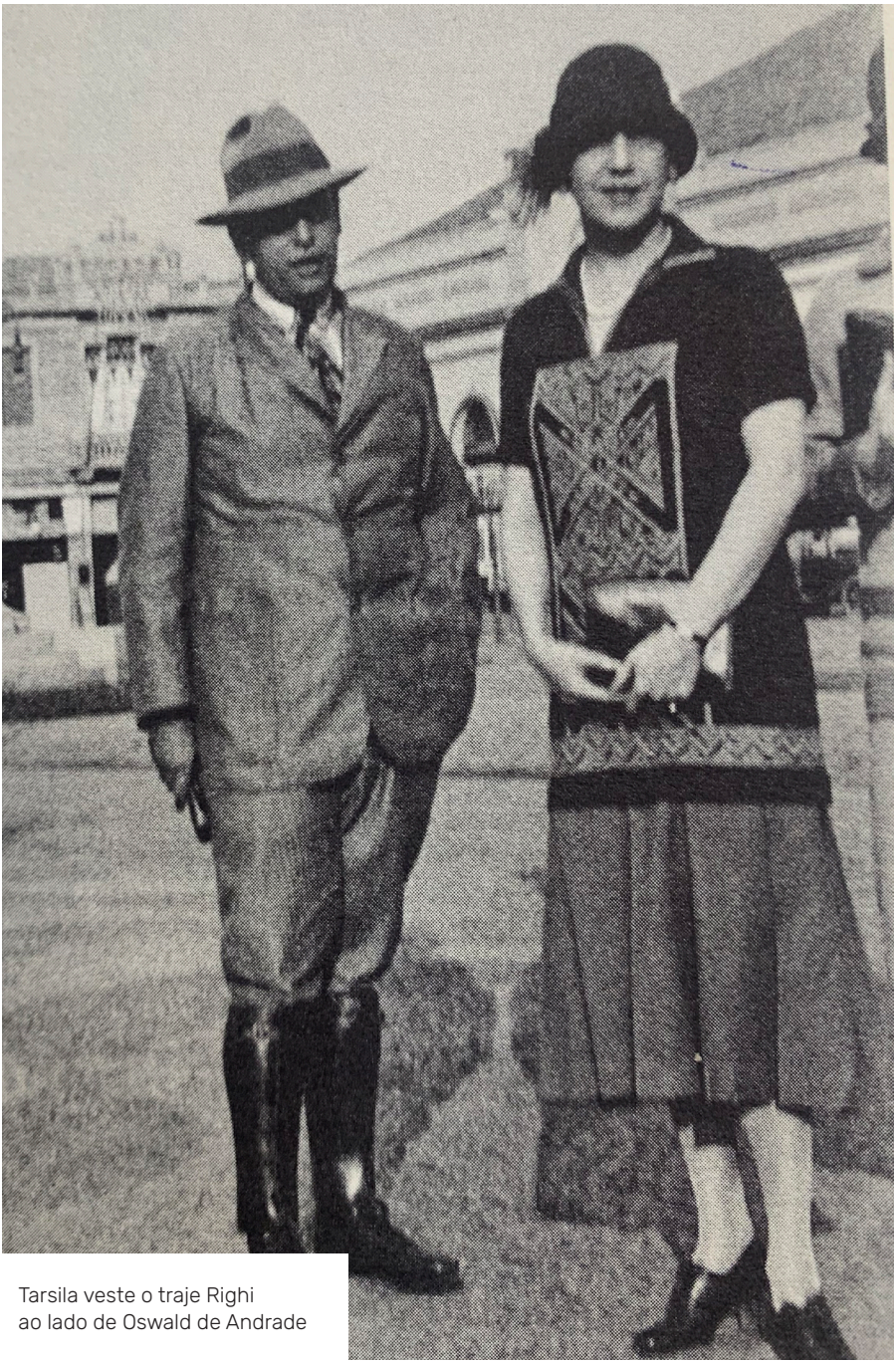


Tarsila do Amaral
(Capivari/SP, 1886 – São Paulo/SP, 1973)
Religião Brasileira I, 1927
Óleo sobre tela
Acervo dos Palácios

Dentro do espírito dessa fase ela pintou "Religião Brasileira I", apropriando-se de ícones do universo popular e de práticas religiosas domésticas, como figuras de procissão, arranjos decorativos de altares etc. Essa obra tem uma história singular: ao retornar da Europa pelo porto de Santos, Tarsila entrou em uma casa de pescadores e se encantou com um altar repleto de santinhos e flores de papel, que lhe serviu de inspiração para essa composição, em que os santos e as flores de manacá somam-se em um alegre colorido. Ela mesma contou um pouco dessa história:

"Uma vez fui comprar uns doces. Bananada. Passando por uma sala vi uma porta bem aberta onde tinha no fundo uma cômoda cheia de santos com uma porção de flores de papel. Uma coisa muito alegre. Fiz um rascunho rápido daquilo e guardei bem viva a imagem na memória. Comecei a pintar logo depois e dei o título de Religião brasileira". [10]

10 SATURNI, Maria Eugênia (dir. org.); BARROS, Regina Teixeira de (coord. edit.). Catálogo Raisonnée Tarsila do Amaral. São Paulo: Base 7 Projetos Culturais: Pinacoteca do Estado, 2008. p. 160. Vol. 1



Tarsila veste o traje Righi
ao lado de Oswald de Andrade

FASE ANTROPOFÁGICA

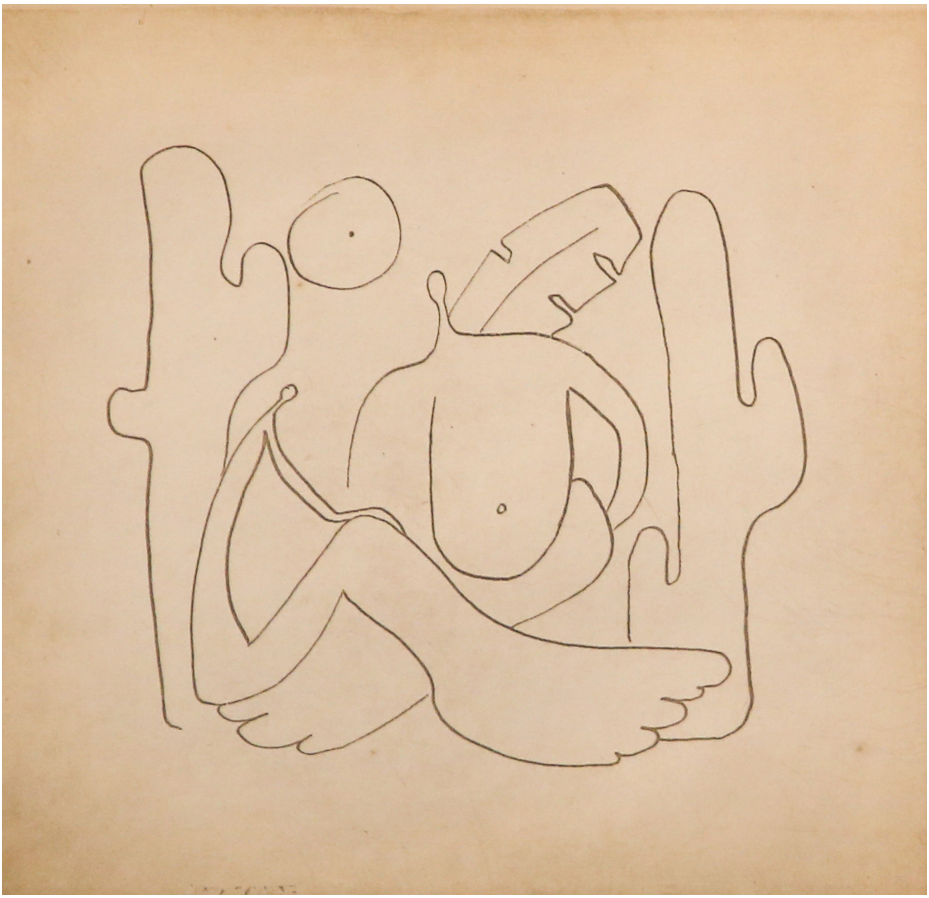
FASE ANTROPOFÁGICA

Em 1926 Tarsila casou-se com Oswald de Andrade e em 1928 quis fazer uma surpresa e presenteá-lo com uma de suas obras. Essa obra, ainda sem título, era o "Abaporu". [11] Quando Oswald e Raul Bopp viram aquele ser humanoide de proporções monumentais e disformes Oswald teria comentado: "É o homem plantado na terra".

A partir desse estarrecimento, resolveram fazer um movimento artístico em torno do quadro e foram procurar no dicionário Tupi-guarani um nome apropriado para a obra, chegaram à conclusão de que deveria ser Aba (homem) Poru (que come). Essa seria uma aproximação com a tradição de alguns povos originários antropófagos, que se alimentavam da carne de seus mais valorosos inimigos derrotados a fim de conseguir as qualidades e melhores atributos dele.

Assim surgiu o Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade e toda uma fase Antropofágica de Tarsila do Amaral, onde o objetivo era mesclar as influências dos estilos artísticos europeus com os temas brasileiros, em um processo de deglutição intelectual e artístico. Nessa fase Tarsila usou cores fortes para pintar bichos e paisagens imaginárias, além de personagens das histórias e do folclore nacional.

11 A obra "Abaporu" está exposta no Museu de Arte Latino-Americana de Buenos Aires – MALBA. Disponível em: < https://coleccion.malba.org.ar/abaporu/>. Acesso em: 18 jun. 2024.

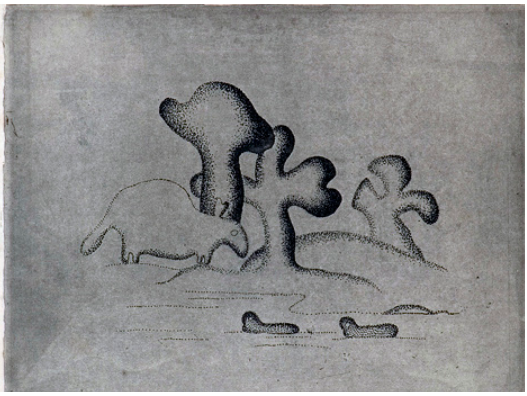


Tarsila do Amaral
(Capivari/SP, 1886 – São Paulo/SP, 1973)
Colaborador: Marcello Grassmann
(São Simão/SP, 1925 – São Paulo/SP, 2013)
Antropofagia, déc. 1960
Água-forte e ponta seca sobre papel
Acervo dos Palácios

FASE ANTROPOFÁGICA

Nesse período Tarsila pintou Antropofagia, obra da Fundação José e Paulina Nemirovsky, exposta na Pinacoteca do Estado de São Paulo e a partir dessa obra, Marcelo Grassmann transformou o desenho de Tarsila em uma gravura. Nessa obra Tarsila mistura "A negra", uma pintura sua de 1923, com o Abaporu, dentro de um ambiente tropical com sol, cactos e folha de bananeira. Seu objetivo era ser a pintora da terra brasileira.

Outras obras representando a floresta tropical, sua fauna e flora com os traços simples e geometrizados de Tarsila surgiram nesse momento, como é provável que seja a data do desenho que deu origem à gravura "Paisagem antropofágica", onde uma família de capivaras passeia às margens de um rio. Tudo muito cheio de vivacidade e exotismo.

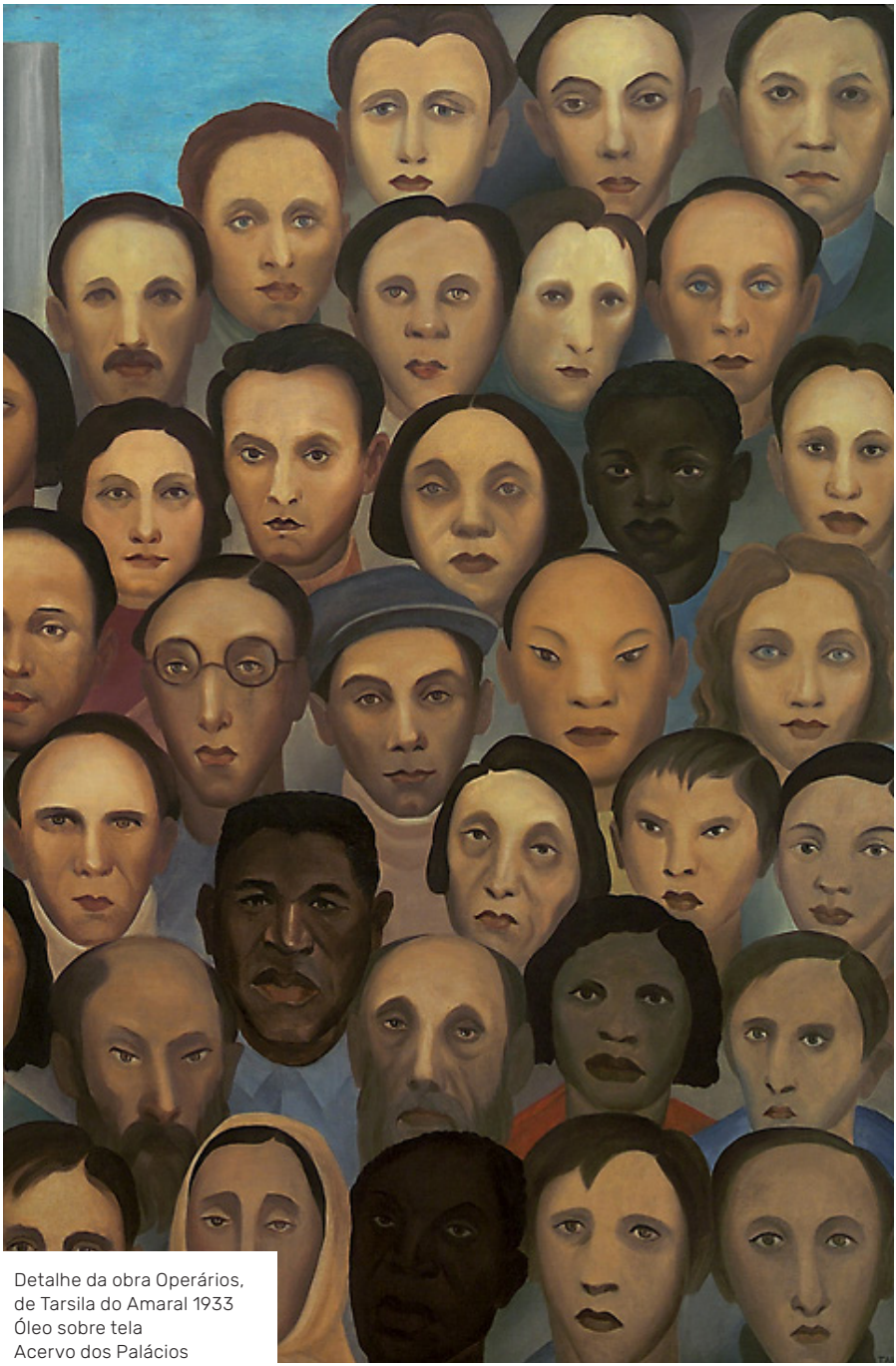


Tarsila do Amaral
(Capivari/SP, 1886 – São Paulo/SP, 1973)
Colaborador: Marcello Grassmann (São Simão/SP, 1925 – São Paulo/SP, 2013)
Paisagem antropofágica, c. 1964
Água-forte e ponta seca sobre papel
Acervo dos Palácios



Tarsila do Amaral
(Capivari/SP, 1886 – São Paulo/SP, 1973)
Calmaria II, 1929
Óleo sobre tela
Acervo dos Palácios

Ainda dessa fase são as criações com certa inspiração surrealista, em que as obras de tons mais escurecidos mergulham numa atmosfera onírica, com símbolos e distorções. Em 1929, Tarsila pintou "Calmaria II", em que a artista parece brincar tanto com a ideia de mundos imaginários como com a geometrização da forma, transformando toda uma paisagem em formas geométricas.



Detalhe da obra Operários,
de Tarsila do Amaral 1933
Óleo sobre tela
Acervo dos Palácios

FASE SOCIAL

FASE SOCIAL

Nesse mesmo ano aconteceu a quebra da Bolsa de Valores de Nova York, que enfraqueceu a economia mundial e afetou em cheio os cafeicultores paulistas, que tiveram suas produções paradas, gerando inclusive uma grande queima de sacas de café. A família de Tarsila foi fortemente atingida e naquele mesmo ano, a artista enfrentou a separação de Oswald de Andrade, que havia lhe traído com a escritora Patrícia Galvão, conhecida como Pagu.

Em 1930 Tarsila conheceu o psiquiatra Osório César, que tinha um projeto no Hospital Psiquiátrico do Juquery cujo objetivo era desenvolver seus pacientes por meio de oficinas de arte e estudar suas produções. Os dois começaram um romance e ele recebeu o convite para fazer uma viagem à União Soviética, onde ele conheceria em 1931 os avanços em sua área de atuação. Tarsila empolgou-se com a oportunidade de conhecer a Rússia e o estilo realista soviético dos cartazes de propaganda do regime.

Na viagem, Tarsila conseguiu fazer uma exposição em Moscou, no Museu de Arte Moderna Ocidental, que lhe comprou a obra "O Pescador" por 5 mil rublos, uma quantia considerável, que deveria ser gasta no local e que lhe garantiu a soma necessária para toda sua estadia e passeios no país.

Da Rússia, Tarsila foi a Paris e depois retornou ao Brasil. Por aqui, por mais que não tivesse grandes interesses revolucionários, Tarsila passou a frequentar reuniões do partido comunista e, por conta de sua viagem a União Soviética, foi presa pelo regime de Getúlio Vargas no Presídio do Paraíso, onde ficou detida por um mês em 1932.

No ano seguinte ministrou uma palestra no Clube dos Artistas Modernos em 1933, sobre "A arte do cartaz na União Soviética". Toda essa experiência sensibilizou Tarsila para a causa operária e em 1933 pintou a obra "Operários", inaugurando a fase social de sua carreira.



Tarsila do Amaral
(Capivari/SP, 1886 – São Paulo/SP, 1973)
Operários, 1933
Óleo sobre tela
Acervo dos Palácios

FASE SOCIAL

A pintura apresenta os personagens em forma triangular, uma provável referência à pirâmide social. Diversos rostos formam a massa de trabalhadores representando o crescimento industrial e econômico do período e a diversidade populacional de São Paulo, suas etnias e imigrantes. Para além da diversidade, é possível notar que esses trabalhadores revelam um semblante cansado, alguns são muito jovens e outros muito idosos para o trabalho fabril, uma provável crítica de Tarsila à situação do operariado na época, que trabalhava sem leis trabalhistas adequadas.

Na tela, Tarsila também representou alguns personagens do seu círculo pessoal: o arquiteto Gregori Warchavchik; a cantora lírica Elsie Houston-Péret; o administrador da fazenda de seu pai, Benedito Sampaio; e a jornalista e escritora paraense Eneida de Moraes. Ela pode ter se inspirado em outros rostos conhecidos, porém apenas estes foram citados por ela. Para além deste quadro, Tarsila pintou outras obras de cunho social, como "Segunda Classe", [12] que fala sobre o êxodo rural dos trabalhadores, e "Costureiras" [13] que mostra as mulheres trabalhadoras.

12 Conheça essa obra em: PAULINO, Roseli. Segunda classe - Tarsila do Amaral. Arte e Artistas. Disponível em: <https://arteeartistas.com.br/segunda-classe-tarsila-do-amaral/>. Acesso em: 19 jun. 2024.
13 Conheça essa obra no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/USP. Disponível em: < https://acervo.mac.usp.br/acervo/index.php/Detail/objects/16558>. Acesso em: 19 jun. 2024.

Mesclando a temática operária com um estilo surrealista, Tarsila pintou em 1941 “Estratosfera”. Embora trate do trabalhador, que parece oprimido em meio a máquinas e construções fabris, a obra entra em uma atmosfera de irrealidade, trazendo uma ideia de alheamento e solidão.



Tarsila do Amaral (Capivari/SP, 1886 – São Paulo/SP, 1973)
Estratosfera, 1947
Óleo sobre tela
Acervo dos Palácios



Detalhe da obra
Santa Irapitinga do
Segredo, 1941

FASE
NEO PAU-BRASIL

FASE NEO PAU-BRASIL

Ainda na década de 1930, Tarsila uniu-se com o poeta e escritor Luís Martins, que acabou enveredando para a crítica de arte moderna. Entre fins dos anos 1940 e a partir da década de 1950, Tarsila recuperou os temas de sua fase Pau-Brasil, recorrendo aos temas nacionais de estilo geometrizado e formas simples que caracterizou sua carreira, inaugurando uma fase "Neo Pau-Brasil".

São desse período as obras "Santa Irapitinga do Segredo", "Estudo de Procissão (painel) I" e o desenho para a gravura "Almoço na Fazenda", todas do Acervo Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo.

A obra "Santa Irapitinga do Segredo" mostra a santa cercada de anjinhos, representados por crianças negras, que brincam ao seu redor. Tarsila usou novamente as cores que ela



Tarsila do Amaral (Capivari/SP, 1886 – São Paulo/SP, 1973)
Santa Irapitinga do Segredo, 1941
Óleo sobre tela
Acervo dos Palácios

denominava “caipiras”: o azul do céu e do manto, o rosa do muro de tijolos, da coroa florida e das flores de manacá ao pé da santa. Ao fundo, atrás do muro, Tarsila incluiu o que parecem ser folhas de bananeira, elemento de tropicalidade que aparece em outras obras de sua autoria como “A negra,” e “Antropofagia”.

A palavra Irapitinga, nome da santa, pode ter influência da língua tupi, de “gûyrá-pitinga”, “ave pintada”. Essa teoria teria alguma ressonância no pássaro, que faz um voo descendente de encontro à santa e pode ser interpretado como uma referência ao Espírito Santo, aqui representado negro, como a santa e os anjos, sendo uma provável referência à religiosidade sincrética do Brasil.

Em 1954, por ocasião do Quarto Centenário de São Paulo, Tarsila foi convidada para fazer um grande painel, onde ela representou uma procissão de Corpus Christi na Praça da Sé de São Paulo, obra que hoje pertence ao Centro Cultural São Paulo. O Quarto Centenário foi mais uma oportunidade onde a identidade brasileira foi repensada por intelectuais e artistas. Tarsila repensa o passado de São Paulo, seus locais históricos de influência barroca e a diversidade da população.

Para produzir o painel ela fez uma tela preparatória, o “Estudo de Procissão (painel) I”. Ao fundo, a São Paulo do século 18 é representada pelas igrejas da Sé e de São Pedro dos Clérigos, hoje demolidas.

À frente da procissão, crianças vestidas de anjo jogam pétalas de flores no caminho, antecipando o costume dos tapetes coloridos. Sob o pálio, um eclesiástico carrega o ostensório com o Santíssimo Sacramento. Para celebrar a passagem do corpo de Deus a comunidade aparece representada entre nobres e escravizados, adultos e crianças. A procissão acompanha a imagem de São Jorge em cima do cavalo. Defensor do reino de Portugal desde 1387, ele passa a integrar importantes procissões também na América portuguesa e assim aparece em destaque na obra.

Na última obra desta publicação, vemos Tarsila saudosista de seu passado e suas origens. Ela nunca perdeu de vista os temas ligados simbolicamente à sua terra. Revisitando o passado brasileiro em um processo de autorreflexão, redescoberta e valorização da identidade nacional, Tarsila incorporou o olhar para a cultura local em sua poética vanguardista. Algumas de suas obras apresentam elementos do imaginário popular, bem como lembranças de sua infância



Tarsila do Amaral
(Capivari/SP, 1886 – São Paulo/SP, 1973)
Estudo de Procissão (painel) I, 1954
Óleo sobre papel sobre madeira
Acervo dos Palácios

nas fazendas do interior de São Paulo, como é o caso de "Almoço na Fazenda", gravura feita por Marcello Grassmann a partir do desenho original de Tarsila do Amaral da mesma época. O desenho é ligeiramente diferente da gravura no que diz respeito à composição, como a adição de mesas de encostar e o cachorro, que no desenho contempla a reunião e na gravura equilibra-se nas patas traseiras.

FASE NEO PAU-BRASIL

Essa obra remete aos tempos do café, intimamente ligados à história da família de Tarsila. Alguns elementos revelam o cotidiano dessas fazendas abastadas: a longa mesa de jantar, as mesas de encostar em estilo francês adornadas com vasos de flores, a cristaleira repleta de serviços de mesa e jogos de chá e café, bem como os retratos familiares na parede. A serviço da família, duas empregadas negras revelam o passado escravocrata rural. A família serve-se de leitão e deleita-se com vinho, marcando alguns costumes alimentares paulistas do período. Todos esses elementos podem ser lidos como vestígios desse passado, representados por Tarsila, que dizia: "Quero ser a pintora da minha terra!".

E de fato Tarsila conseguiu ser a pintora de sua terra. Ela é hoje reconhecida como uma das principais artistas brasileiras, mesmo tendo enfrentado todos os obstáculos que uma mulher poderia ter para tornar-se uma artista.

Diversos fatores podem ser levantados para entender o porquê ela teve esse êxito e esse reconhecimento: Tarsila pertencia à elite local, o que lhe abriu portas de estudo; ela insistiu na sua determinação de aperfeiçoamento; ela conseguiu construir uma persona moderna e vender uma imagem de grande artista e grande dama; ela fez parte de um grupo de intelectuais e artistas que construíram discursos

que validaram tanto a arte moderna brasileira quanto o seu trabalho; ela conseguiu inserir suas obras em instituições particulares e públicas e mesmo que por vezes sua posição seja interpretada de maneira sexista como “musa do modernismo”, a força de sua obra e o reforço de sua presença na atualidade, reafirmaram Tarsila como uma das maiores artistas brasileiras.



Tarsila do Amaral (Capivari/SP, 1886 – São Paulo/SP, 1973)
Colaborador: Marcello Grassmann (São Simão/SP , 1925 – São Paulo/SP, 2013)
Almoço na fazenda, déc. 1960
Água-forte e ponta seca sobre papel
Acervo dos Palácios

Atividades

Para melhor resultado imprima a atividade em formato A4

Baile de Máscaras

Neste material educativo, vimos que é muito importante entender quem somos nós. Tarsila do Amaral pensou muito sobre isso. Ela queria mostrar para todo mundo que ela era mulher moderna, que sabia de todas as novidades e era muito inteligente e capaz! Seu amigo Mário de Andrade também pensava bastante nisso. Como ele queria ser reconhecido como um grande intelectual, ele gostava de tirar fotos dele mesmo e ter quadros pintados de sua imagem, sempre representando ele de maneira séria, de terno e gravata, com ares de inteligência.

E você? Quem você é? Ou, como você gostaria que os outros vissem você? Para descobrir a resposta a essas perguntas tão difíceis, podemos começar com algumas perguntas mais simples:

QUAL A SUA MAIOR QUALIDADE?

O QUE VOCÊ MAIS GOSTA EM VOCÊ?

QUAL É O SEU MAIOR DEFEITO?

QUAIS SUAS COMIDAS FAVORITAS?

VOCÊ TEM UMA BANDA
OU MÚSICA PREDILETA?

QUANDO VOCÊ VAI A UMA
FESTA, QUE ROUPA VOCÊ GOSTA
DE VESTIR?

E NO DIA A DIA, QUE TIPO DE
ROUPA VOCÊ MAIS GOSTA?



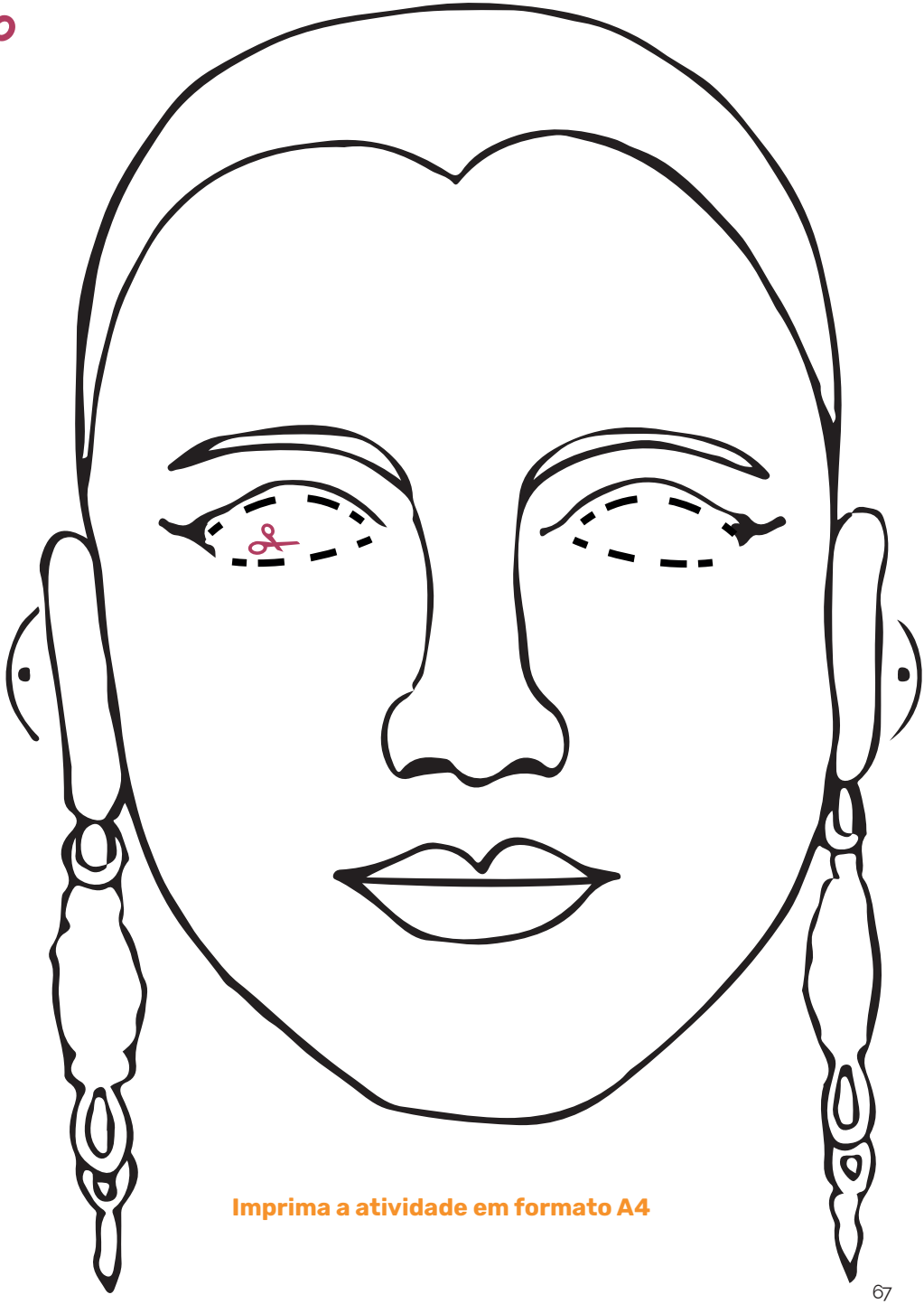
Mão na massa: Tarsila do Amaral

Esse é o autorretrato da grande pintora brasileira Tarsila do Amaral. Ela é uma das principais artistas do movimento modernista. Nesta obra, ela representou o próprio rosto, do mesmo jeito em que hoje em dia, todo mundo adora fazer selfies. Ela se representou muito moderna e bem arrumada, usando grande brincos dourados e maquiagens como pó de arroz, batom vermelho e delineador, em uma época em que não era tão comum as mulheres se maquiarem.

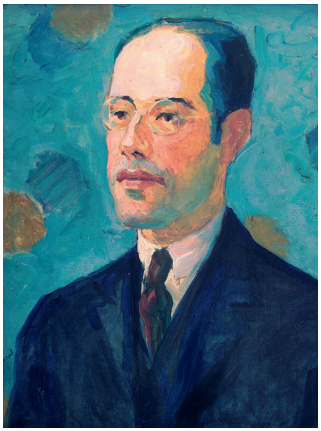
Que tal fazer uma máscara e tornar-se Tarsila por um dia?

Pinte o retrato dela, recorte o contorno do rosto e dos olhos, e amarre um elástico nos furinhos indicados.

Ponha no rosto e interprete a pintora! Agora é só sair pintando por aí!



Imprima a atividade em formato A4

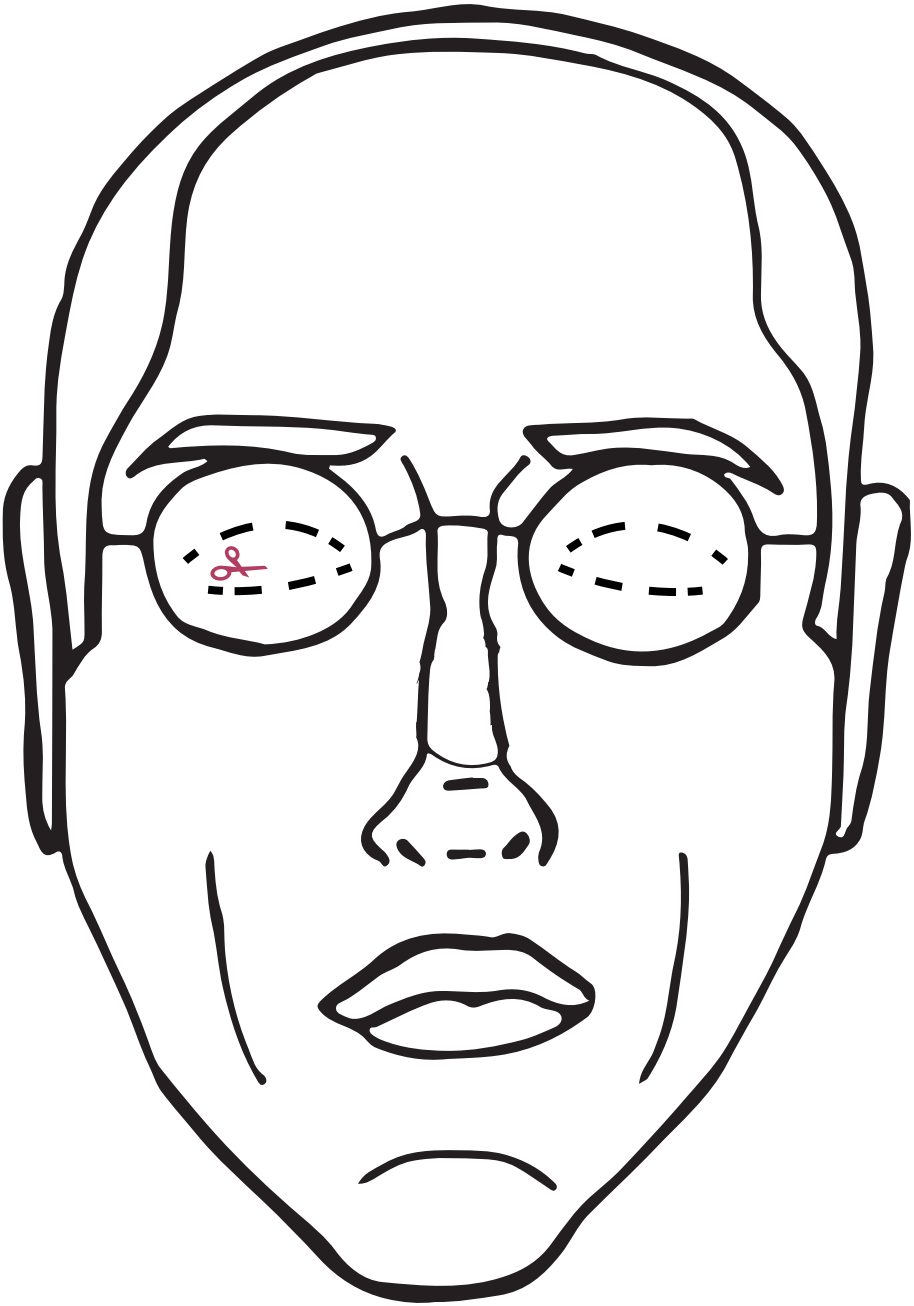


Mão na massa: Mário de Andrade

Você conhece o escritor, musicólogo e pesquisador Mário de Andrade? Ele é um dos principais escritores brasileiros do período do Modernismo. A pintora Tarsila do Amaral fez esse quadro em homenagem a ele em 1922, no ano da Semana de Arte Moderna. Ele gostava de se apresentar muito sério, sempre de terno e gravata, mostrando como ele era inteligente, entendia de folclore, de cultura brasileira e gostava de música.

Que tal fazer uma máscara e tornar-se Mário de Andrade por um dia? Pinte o retrato ao lado, recorte o contorno do rosto e dos olhos, e amarre um elástico nos furinhos indicados.

Depois é só vestir e sair recitando versos por aí!



Imprima a atividade em formato A4

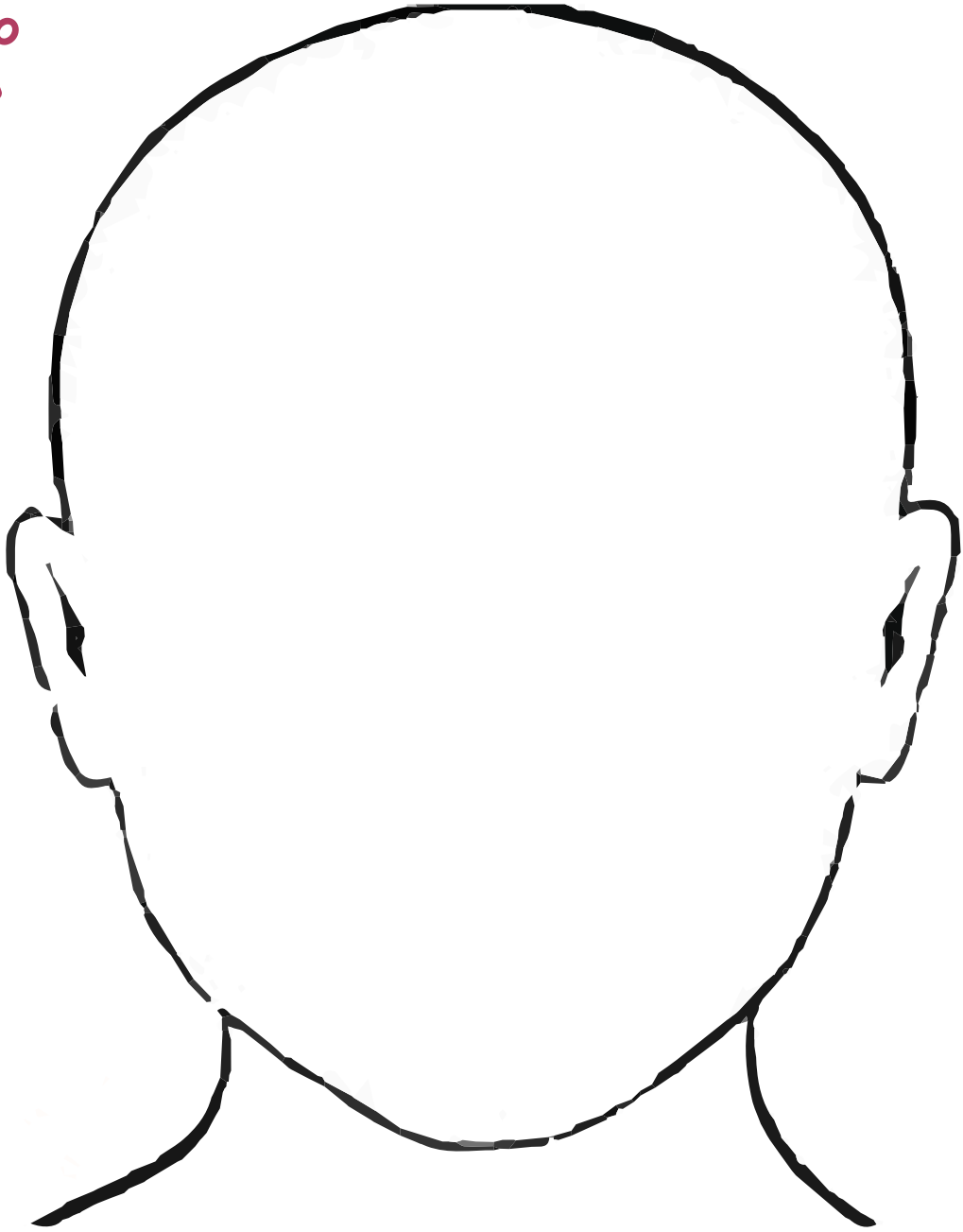


Mão na massa: Quem sou eu?

Agora é a sua vez! Quem é você? Para alguém vestir uma máscara sua, o que é absolutamente necessário? O que caracteriza você, seu rosto e maneira como você vive?

Solte a imaginação, observe bastante seu próprio rosto em um espelho ou tirando uma selfie e depois crie seu autorretrato na máscara ao lado.

Depois de recortar o rosto e os olhos, fazer os furinhos e prender um elástico, ao invés de vestir sua própria máscara, deixe outra pessoa vestir e imitar você. Será que vai ser parecido com você? Vamos descobrir!



Imprima a atividade em formato A4

Boneca de papel

Tarsila gostava de se vestir muito bem e gostava de mostrar a todos que ela era muito moderna e antenada nas novas tendências tanto da arte mundial como da moda. Ela frequentava os ateliês dos estilistas franceses Paul Poiret e Jean Patou.

Aqui separamos algumas das roupas que Tarsila usou para você pintar à sua maneira e vestir a Tarsila. Uma das roupinhas está toda branca, sem nenhum detalhe, essa é para você soltar a sua criatividade e inventar uma roupa bem contemporânea para a Tarsila do Amaral. Será que ela vai gostar?

Depois tire uma foto, poste nas suas redes sociais e marque o **@acervodospalacios**. Sua obra pode aparecer no nosso Instagram.



1.

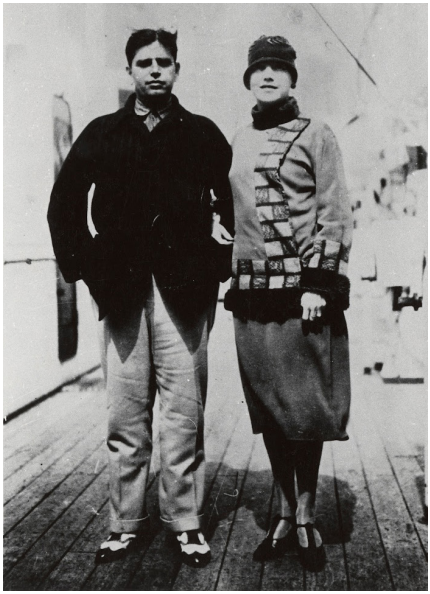


2.

1. Vestido de Paul Poiret feito com tecido do Ateliê Martine de 1921

2. Vestido de cetim com aplicação de adereço dourado e forrado parcialmente de Chiffon de seda

3. Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral a bordo do navio Massilia, em viagem à Europa em 1924. Ela veste o traje *Riga'* [14]



3.

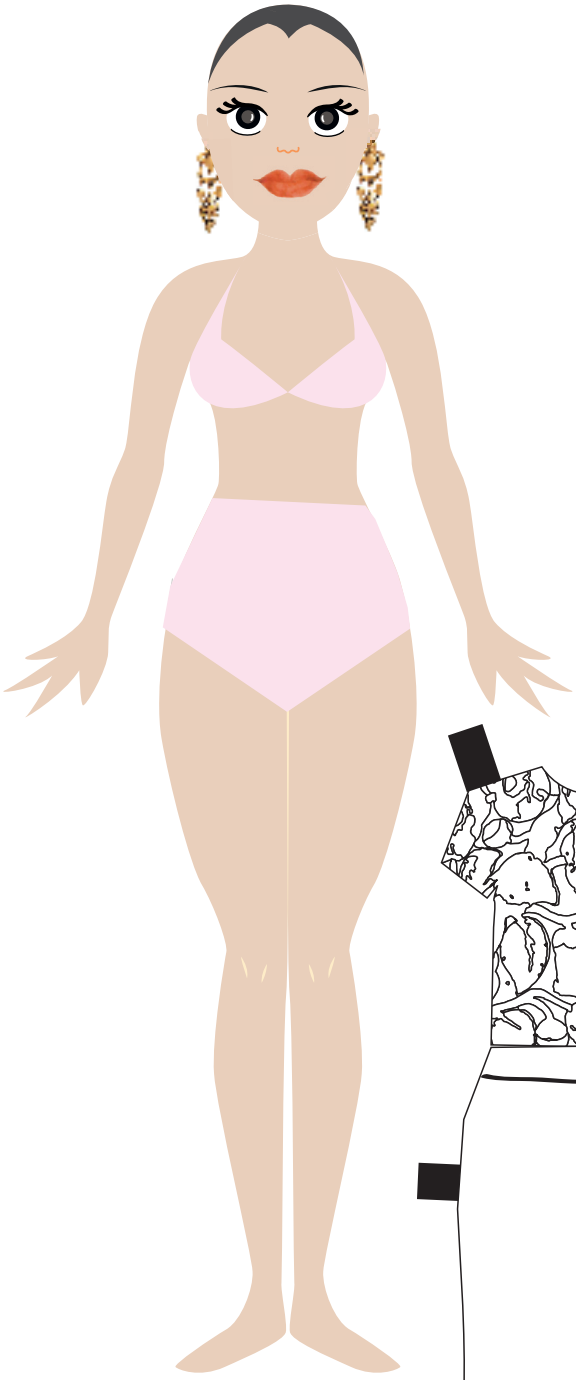


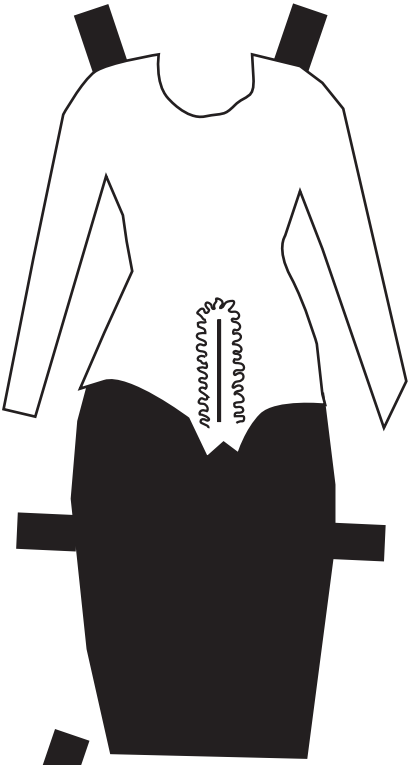
Modelo de manteau, lançado por Jean Patou, estilista francês em 1923

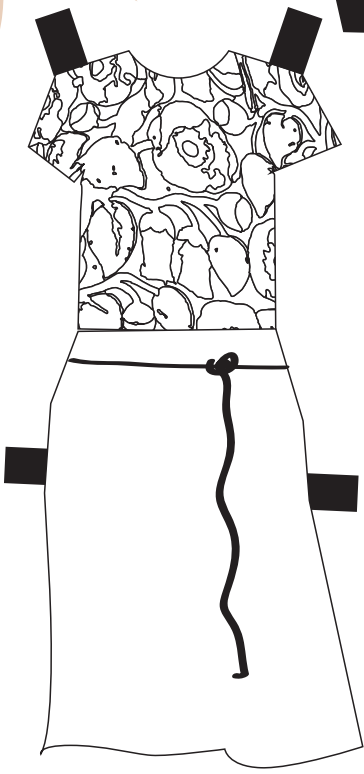
14 CASARIN Carolina. O Guarda roupa modernista o casal Tarsila e Oswald e a moda. Companhia das letras,2022. p.150

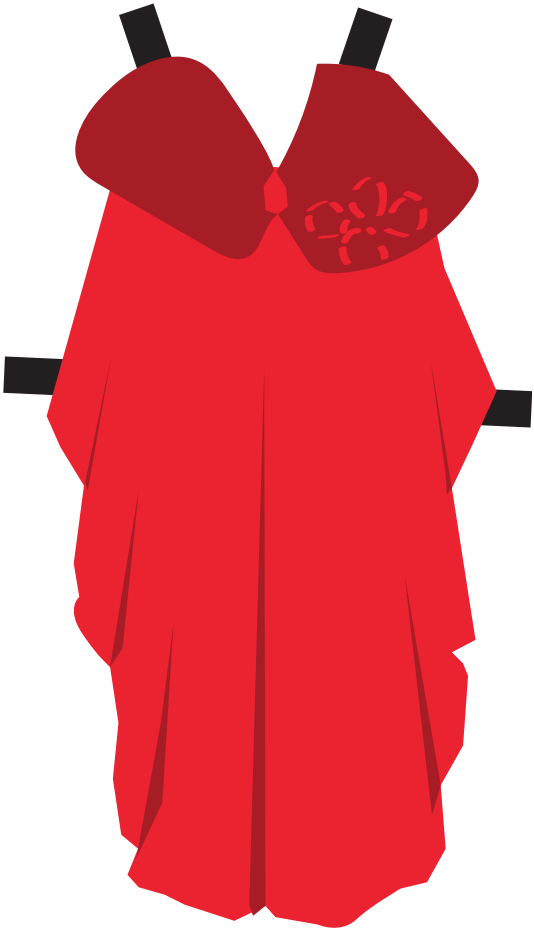
Mão na massa: Boneca de papel

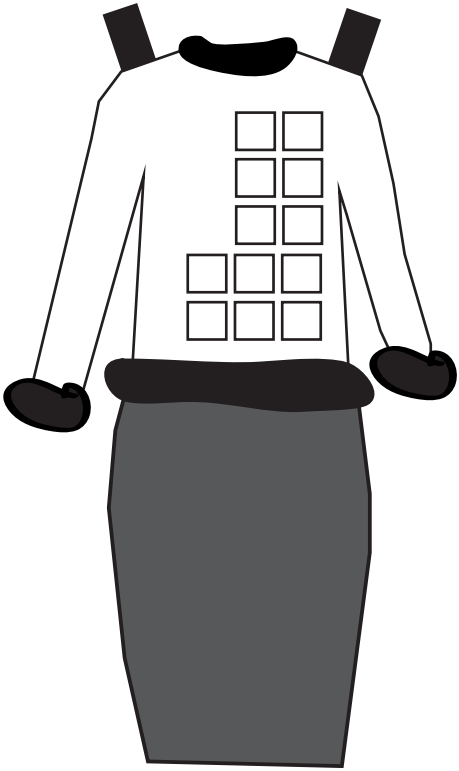
Vamos escolher o look da Tarsila?











Operários do Século 21

Tarsila do Amaral é uma das principais artistas modernistas, não só do Brasil como internacionalmente, com obras que representam a brasilidade com cores e temas locais.

Em 1931, convidada por seu companheiro, o médico Osório César, fez uma viagem a União Soviética, curiosa por conhecer aquela sociedade tão revolucionária com sua arte, intelectualidade e cultura.

No seu retorno ao Brasil, depois de participar também de reuniões da esquerda política, Tarsila passou um mês na prisão em 1932. Essas experiências, e seu olhar atento à sociedade e aos desafios da classe operária brasileira no período, levaram a artista a pintar obras de cunho social, como "Operários" de 1933.

Nesta obra, ela representa o crescimento industrial, econômico e populacional de São Paulo, trazendo seja a paisagem urbana com suas estruturas fabris, que podemos ver nas chaminés imponentes no plano de fundo da obra, seja a sociedade em forma de pirâmide social, com fisionomias tão diferentes, representando a diversidade étnica com migrantes e imigrantes vindos de vários cantos do Brasil e do mundo e que hoje formam a população de São Paulo.



Tarsila do Amaral
(Capivari/SP, 1886 – São Paulo/SP, 1973)
Operários, 1933
Óleo sobre tela
Acervo dos Palácios

Junto a esses personagens anônimos, Tarsila adicionou alguns de seus amigos, como o arquiteto Gregori Warchavchik; a cantora lírica Elsie Houston-Péret; o administrador da fazenda de seu pai, Benedito Sampaio; e a jornalista e escritora paraense, Eneida de Moraes, que esteve com ela em seu período na prisão.

Olhe com atenção para esses rostos, você os consideraria felizes ou tristes? Animados ou cansados? Por que Tarsila escolheu representá-los dessa maneira? O quão extenuante era o trabalho nas fábricas no início do século 20? Seria essa obra uma crítica a situação dos trabalhadores ou um elogio ao trabalho e a diversidade paulista? As duas concepções são possíveis? Pense um pouco sobre isso enquanto admira essa obra fundamental da arte brasileira.

Mão na massa: Operários do Século 21

Agora vamos pensar como seria se essa obra fosse feita no século 21. Se olharmos para as cidades de hoje, temos ainda uma grande concentração de trabalhadores nas fábricas ou surgiram diferentes postos e tipos de trabalho? Todos os trabalhadores são registrados em uma empresa ou prestam serviço de maneira terceirizada como uma pessoa jurídica, funcionando como uma microempresa individual?

E na informalidade, quais são os tipos de trabalho? Quando pensamos em nomes de profissão, qual o nome da pessoa que vende café com leite e bolo próximo às estações de metrô? A maioria dos trabalhadores estão nas fábricas, no comércio, no setor de serviços ou nos trabalhos informais?

Reflita um pouco sobre essas diferentes facetas do trabalho na atualidade e tente criar os "Operários" do Século 21? Como eles estariam vestidos? Que paisagem substituiriam as fábricas no fundo da composição?

Eles ainda estariam todos juntos lutando pelos mesmos direitos ou haveria demandas diversas? Depois de refletir tente fazer um desenho que represente o trabalho de hoje.

Você pode se inspirar na Tarsila do Amaral, mas também está livre para criar algo totalmente diferente. Você pode escolher apenas uma profissão e seus desafios para representar, ou fazer uma série, uma profissão em cada desenho.

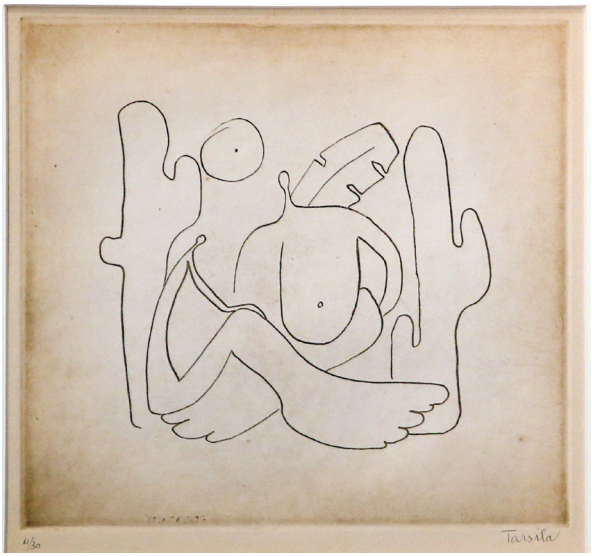
Faça seus "Operários" do século 21, fotografe e poste marcando o **@acervodospalacios.** Assim você e sua obra podem aparecer nas nossas redes sociais.

DESENHE AQUI OS OPERÁRIOS DO SÉCULO 21

Eu também sou Abaporu

Na obra “Antropofagia” Tarsila misturou duas de suas mais famosas obras: “A negra” e “Abaporu”, com o objetivo de criar uma composição bem brasileira. Uma das interpretações do Abaporu foi do próprio Oswald de Andrade, então companheiro de Tarsila.

Ao procurar com ela no dicionário de Tupi-guarani, chegaram no título “Abaporu” que significa: Aba (homem) Poru (que come). Essa seria uma aproximação com a tradição de alguns povos originários antropófagos, que se alimentavam da carne de seus mais valorosos inimigos derrotados a fim de conseguir as qualidades e melhores atributos dele. A partir do Abaporu, Oswald criou o Movimento Antropófago e Tarsila entrou na Fase Antropofágica de sua obra, cujo objetivo era misturar as melhores qualidades europeias da época, que eram os estilos modernos, com os temas brasileiros, criando algo novo.



Tarsila do Amaral
(Capivari/SP, 1886 – São Paulo/SP, 1973)
Colaborador: Marcelo Grassmann (São Simão/SP, 1925 – São Paulo/SP, 2013)
Antropofagia, déc. 1960
Água-forte e ponta seca
sobre papel
Acervo dos Palácios

Sua babá contou a história de que havia um buraco no teto do quarto, de onde a noite saia um monstro. Primeiro caia um braço de dentro do buraco, depois caiam os pés enormes e por último a cabeça. Tarsila e todas as crianças morriam de medo, mas adoravam ouvir o relato. Como esse monstro tinha proporções estranhas, assim como o Abaporu, pode ter sido sua inspiração.

Outra versão para a origem da obra, é que ela seria um autorretrato. Tarsila teria se sentado na frente de um espelho inclinado, colocado no chão, e a partir daí fez seu retrato, que ficou distorcido, mostrando um grande pé e uma cabeça pequena.

Mão na massa: Eu também sou Abaporu

Pensando na teoria de que o Abaporu teria sido primeiro um autorretrato antes de ser um antropófago. Vamos tentar reproduzir essa imagem distorcida em uma selfie?

Consiga um espelho e coloque ele no chão apoiado inclinado sobre a parede. Posicione o celular no chão e programa para tirar a foto com temporizador. Agora tente fazer a mesma pose do Abaporu e faça o clique!

Será que ficou parecido? Poste essa fotografia nas suas redes sociais e marque o **@acervodospalacios**. Sua foto de Abaporu pode aparecer no nosso Instagram! Participe!

DESENHE AQUI O SEU ABAPORU

Paisagem geométrica

Uma obra menos conhecida de Tarsila do Amaral é a “Calmaria II”, em que ela parece criar um mundo imaginário feito de formas geométricas. Se observarmos com atenção, podemos imaginar uma paisagem com montanhas, casas e prédios acima de um lago que funciona como um espelho, onde todas essas formas aparecem invertidas.

Tarsila pode ter tido a influência de um artista francês que se chamava Paul Cézanne. Ele passou a observar o mundo, as paisagens, as pessoas e os objetos tentando imaginar como isso tudo seria se fosse feito com formas geométricas. Pensando assim, uma montanha pode ser um triângulo, um prédio pode ser um retângulo, o sol pode ser um círculo e assim por diante.



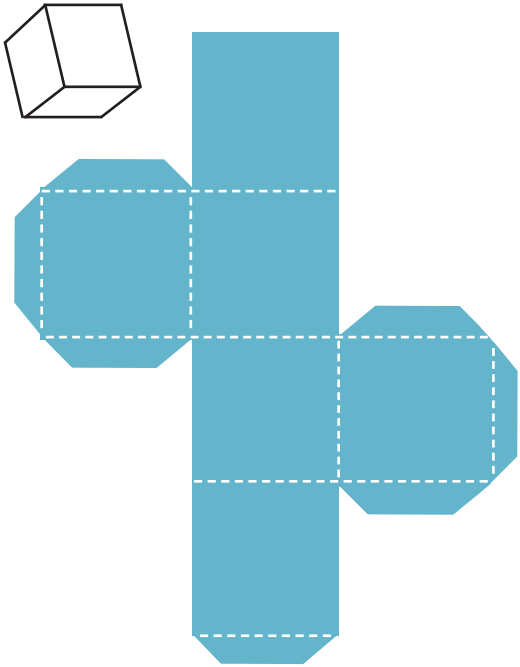
Tarsila do Amaral
(Capivari/SP, 1886 – São Paulo/SP, 1973)
Calmaria II, 1929
Óleo sobre tela
Acervo dos Palácios

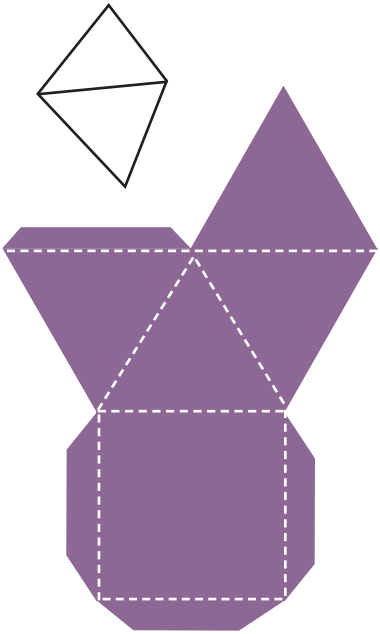
Mão na massa: Paisagem geométrica

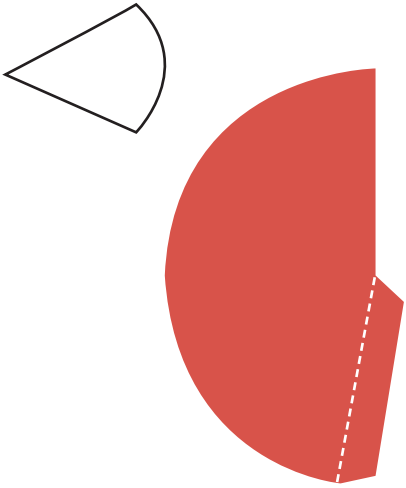
Vamos tentar fazer esse exercício? Fotografe uma paisagem, pode ser do campo ou da cidade. Agora vamos tentar transformá-la em formas geométricas 3D.

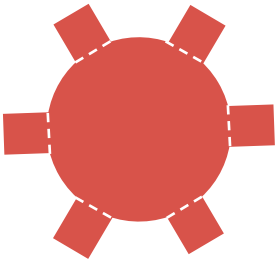
Para isso você pode usar os modelos de sólidos geométricos que colocamos aqui. Recorte as formas, dobre nas linhas pontilhadas e cole as abas com cola em bastão. Assim você vai criar formas como pirâmides, cubos, cilindros etc. Agora consiga um espelho e posicione essas formas em cima do espelho, tentando reproduzir a sua paisagem. Veja como o espelho reproduz as imagens invertidas em baixo. A sua produção 3D ficou parecida com a ideia da Tarsila?

Tire uma foto, poste nas suas redes sociais e marque o **@acervodospalacios.** Sua produção pode aparecer no nosso Instagram.

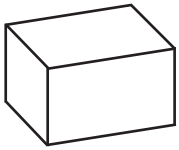


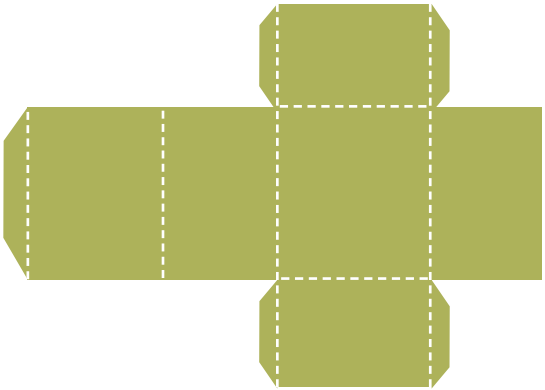


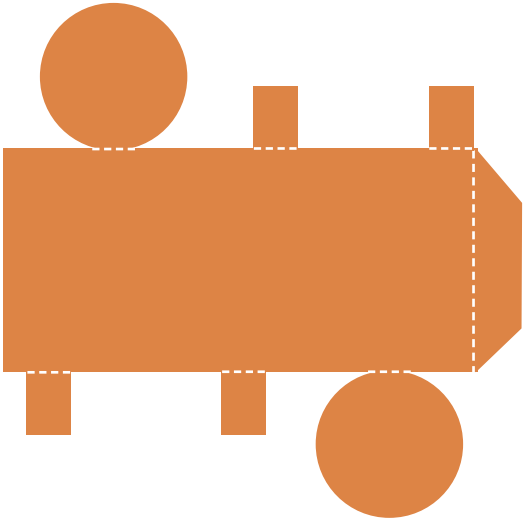




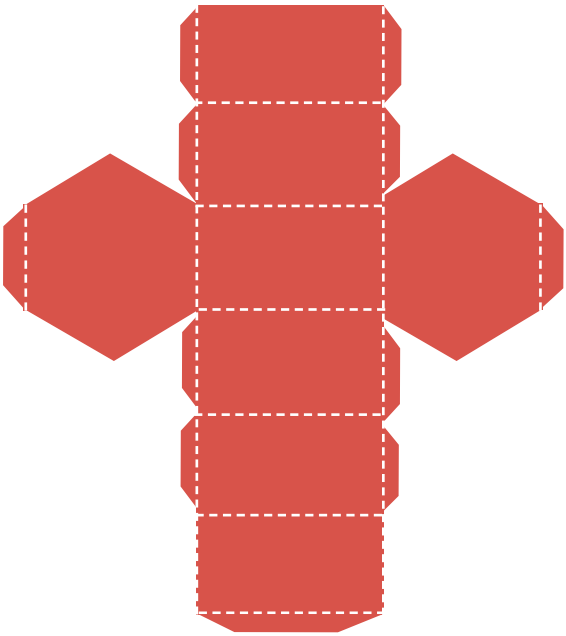
Mão na massa: Paisagem geométrica

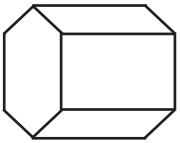


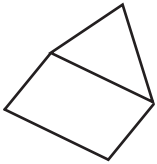


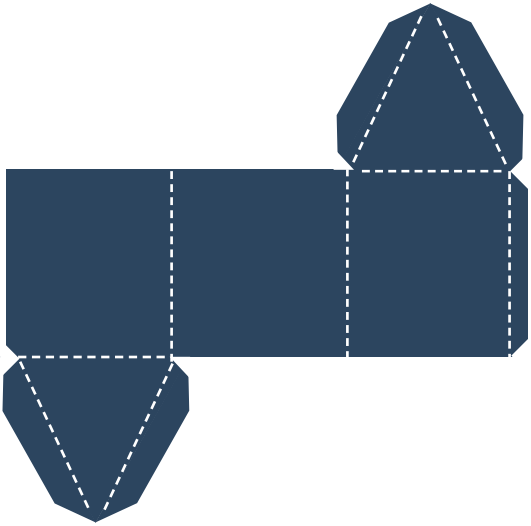












Bibliografia

ACEDO, Rosane; ARANHA, Cecília. Encontro com Tarsila. São Paulo: Editora Formato, 2019.

AMARAL, Aracy. Tarsila: sua obra e seu tempo. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2010.

AMARAL, Tarsila do. O anel mágico da Tia Tarsila. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

ANDRADE, Mário de. Poesias Completas. São Paulo: Martins Editora, 1955

BRAGA-TORRES, Angela. Contando a arte de Tarsila do Amaral. São Paulo: Global Editora, 2028.

CARUSO, Carla. A infância de Tarsila do Amaral. São Paulo: Callis Editora, 2018.

CASARIN, Carolina. O guarda-roupa modernista: o casal Tarsila e Oswald e a moda. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CHIARELLI, Tadeu. Os autorretratos de Tarsila, parte III: as várias ressignificações de uma imagem de matriz fotográfica. 27 jul. 2021. Arte!Brasileiros. Disponível em: <https://artebrasileiros.com.br/opiniao/os-autorretratos-de-tarsila-parte-3/>. Acesso em: 18 jun. 2024.

LEITÃO, Mércia Maria; DUARTE, Neide. Tarsila e o papagaio Juvenal. Instr. Nilton Bueno. São Paulo: Editora, do Brasil, 2011.

MUSEU DE Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo – MAC/USP. Disponível em: <http://www.mac.usp.br/mac/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

MUSEU DE Arte Latino-Americana de Buenos Aires – MALBA. Disponível em: < https://coleccion.malba.org.ar/abaporu/>. Acesso em: 18 jun. 2024.

NOCHLIN, Linda. Por que não houve grandes mulheres artistas? São Paulo: Edições Aurora, 2016. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7880273/mod_resource/content/1/Linda%20Nochlin%20-%20por%20que%20nao%20houv%20e%20grandes%20mulheres%20artistas%3F.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2024.

PINACOTECA DO Estado de São Paulo. Disponível em: < https://pinacoteca.org.br/>. Acesso em: 19 jun. 2024.

PRIORE, Mary del. Tarsila: uma vida doce-amarga. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

SATURNI, Maria Eugênia (dir. org.); BARROS, Regina Teixeira de (coord. edit.). Catálogo Raisonnée Tarsila do Amaral. São Paulo: Base 7 Projetos Culturais: Pinacoteca do Estado, 2008.

SECCO, Patrícia Engel; AMARAL, Tarsilnha do. Tarsilinha e as cores. Ilustr. Cris Alhadeff. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Mulheres Modernistas: estratégias de consagração na arte brasileira. São Paulo: Edusp, 2022

TARSILA DO AMARAL. Site oficial. Disponível em: <https://www.tarsiladoamaral.com.br/blank-1>. Acesso em: 19 jun. 2024.

Tarsilinha e as formas. Ilustr. Cris Alhadeff. São Paulo: Melhoramentos, 2021.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador
Tarcísio de Freitas

Secretário-chefe da Casa Civil
Arthur Lima

Secretário Executivo da Casa Civil
Fraide Barrêto Sales

Chefe de Gabinete da Casa Civil
Francisco Ronald Rocha Fernandes

TARSILA DO AMARAL NO ACERVO DOS PALÁCIOS

Curadoria
Rachel Vallego

Assistência à Curadoria
Renata Rocco

Produção e Montagem
Rebeca Hindrikson
Gustavo Rosa
Rafael Celidônio Rodrigues
Denis Gorayeb

Conservação e Restauro
Adriana Pires

Pesquisa
Renata Rocco
Raquel Elena Ruiz

Documentação
Cláudio Lacerda Guerra

Comunicação
Carolina Macedo Guastaferro

Comunicação visual e digital
Alessandra Laurenza
Yule Bernardo

Administrativo
Sybil Souza Pinto
Ricardo Negreiros Pires Ferreira
Rita Morais Bloisi

Educativo
Raquel Elena Ruiz
Luciana Aparecida A. H. de Souza
Rafael Celidônio Rodrigues
Andrea Pacheco Ferreira França
Maridalva Aparecida Arakaki
Vinicius Cavalca Nogueira
Denis Briet
Luiz Fernando Brito da Silva
João Vitor Nogueira Okido
Victor Godoy

Biblioteca
Sueli da Fonseca Costa

MATERIAL EDUCATIVO "TARSILA DO AMARAL NO ACERVO DOS PALÁCIOS"

Textos e Atividades
Raquel Elena Ruiz

Edição
Renata Rocco

Revisão
Luciana Aparecida A.H. de Souza
Rafael Celidônio Rodrigues

Design Gráfico
Alessandra Laurenza
Yule Bernardo

SERVIÇO

Palácio dos Bandeirantes
Horários de visitação
Segunda à sexta-feira, das 10h às 16h.
Sábados, somente para grupos acima de 10 pessoas, às 10h ou às 14h.

O agendamento prévio é necessário para todas as visitas e realizado somente através do e-mail monitoria@sp.gov.br

Palácio Boa Vista
Horários de visitação espontânea e grupos sem agendamento
Quarta-feira, sexta-feira, sábado e domingo, das 10h às 12h e das 14h às 17h, com permanência até as 17h30.

Não é necessário fazer agendamento.

Acervo Artístico-Cultural
dos Palácios do Governo do
Estado de São Paulo

Publicado em agosto/2024

Acesse o Qr Code abaixo para mais informações:

Acesse o Qr Code abaixo para baixar as atividades educativas:

www.acervo.sp.gov.br

@acervodospalacios

acervo
Artístico-Cultural dos Palácios do Governo do Estado de São Paulo

Casa Civil

SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO TODOS